V. GUIMARÃES

Editor-proprietario ADOLPHO DE MENDONÇA

TYPOGRAPHIA

RUA DO CORPO SANTO

Bibliotheca Magazine Popular Illustrada

Director e administrador
V. GUIMARÃES

Editor-proprietario
ADOLPHO DE MENDONÇA

Composto e impresso na typographia Rua do Corpo Santo, 46 e 48

COSMOS

VOLUME III

1907

TYPOGRAPHIA ADOLPHO DE MENDONÇA

46, RUA DO CORPO SANTO, 48

LISBOA

Pedimos aos nossos assignantes de mez para renovarem as suas assignaturas

---

SUMMARIO

O DOTE

Ninguem estranhou o casamento de Simão Lebrument com a menina Joanna Cordier. Lebrument tinha comprado ha pouco o cartorio de notario do mestre Papillon, precisava de dinheiro para o pagar e a menina Joanna Cordier possuia tresentos mil francos em notas do Banco e titulos ao portador.

Lebrument era um rapaz sympathico e distincto, d'uma distincção de notario, distincção de provincia, mas, emfim, distincção, e que era raro em Boutiguy-le-Rebours.

A menina Cordier tinha uma certa graça e frescura, graça um pouco timida, frescura um pouco descurada, mas era, em summa, uma joven muito desejavel e digna de que lhe fizessem a côrte.

A cerimonia dos esponsaes poz todo o Boutiguy em movimento.

Toda a gente admirou muito os noivos que foram occultar a sua felicidade no domicilio conjugal, tendo

resolvido fazer apenas uma pequena viagem a Paris depois de alguns dias de *lua de mel.*

Foi encantadora esta *lua de mel.* Lebrument foi, nas primeiras relações com sua mulher, d'uma finura, d'uma delicadeza e d'um aproposito notaveis. Adoptou por divisa: «Tudo chega a proposito a quem sabe esperar.» Soube ser ao mesmo tempo paciente e energico. O sucesso foi rapido e completo. Ao fim de quatro dias a senhora Lebrument adorava o marido. Não podia já passar sem elle e queria-o todo o dia ao pé de si para a acariciar, abraçal-a e fazer-lhe festas. Assentava-se então nos joelhos d'elle e, agarrando-o pelas orelhas, d zia-lhe: «Abre a bocca e fecha os olhos.» Elle abria a bocca com confiança, cerrava os olhos e recebia um beijo terno e prolongado que lhe fazia arrepios na espinha. E, por seu turno, não havia caricias que elle lhe não fizesse, ora com os labios, ora com as mãos, e toda a sua pessoa quasi não era bastante para adorar sua mulher, de manhã á noite e de noite até pela manhã.

*

* *

Decorrida a primeira semana disse elle a sua esposa:

—Se queres, partiremos para Paris na terça feira proxima. Faremos como os amantes que não são casados, iremos aos restaurantes, ao theatro, aos caffés concertos, a toda a parte.

Ella saltou de alegria.

—Oh, sim, sim! Vamos o mais depressa possivel.
—Mas, como se não deve esquecer coisa alguma, continuou elle, previne teu pae que tenha o teu dote prompto para o levarmos e pagaremos a Papillon.

Se queres partiremos para Paris

—Dir-lh'o-hei amanhã de manhã, respondeu ella.
E elle, então, apertando-a nos braços, recomeçou uma série de caricias e festas de que ella tanto gostava, ha oito dias.

Na terça feira seguinte, o sogro e a sogra acompa-

nhavam sua filha e seu genro que partiam para Paris. O sogro dizia :

—Affianço-lhe que é uma imprudencia levar tanto dinheiro comsigo.

—Não se inquiete, respondia-lhe o joven notario, sorrindo, eu estou habituado a isso. A minha profissão obriga-me muitas vezes a trazer um milhão commigo. Evita-se assim um monte de formalidades e demóras. Não se inquiete, pois, papá.

Como o empregado da estação gritasse : «Embarquem os passageiros para Paris, Lebrument e a esposa subiram precipitadamente para um compartimento, onde se encontravam duas senhoras edosas. Lebrument murmurou então ao ouvido de sua mulher :

—Oh ! que aborrecimento ! não poderei fumar.

—A mim tambem me contraria muito a presença d'estas senhoras, mas não é por causa do teu charuto, respondeu ella em voz muito baixa.

O comboio apitou e partiu. Durante o trajecto que durou uma hora, trocaram poucas palavras, porque as duas senhoras não dormiam. Mas logo que chegaram á *gare* de S. Lazaro, Lebrument disse a sua mulher :

—Se queres, queridinha, vamos primeiro almoçar ao *boulevard* e depois viremos tranquillamente despachar a mala para a levar para o hotel.

—Pois sim, vamos almoçar ao restaurante. E' longe ? perguntou.

—Um pouco longe, mas iremos no omnibus.

—E porque não tomamos um trem ? retorquiu ella com espanto.

Elle poz-se a censural-a, sorrindo:

—E' assim que tu fazes economias, um trem para cinco minutos de percurso, seis soldos por minuto. Vê-se que, pela tua parte, não te privarias de coisa alguma.

— Tens razão, respondeu ella, um pouco confusa.

N'este momento passava um omnibus, ao trote de tres cavallos.

Lebrument gritou: «Pare, oh, oh conductor!» e logo que o pesado carro parou, impelliu sua esposa, dizendo-lhe rapidamente ao ouvido:

—Vae lá para dentro, eu subo lá para cima para fumar um cigarro antes do almoço.

Ella nem tempo teve para responder, porque o conductor, agarrando-a por um braço para a ajudar a galgar o estribo, empurrou-a para dentro do carro e ella cahiu atrapalhada sobre um banco, olhando com espanto, atravez do vidro de traz, os pés de seu marido que subia para a *imperial*, e ficou immovel entre um individuo muito gordo que cheirava a cachimbo e uma velha que cheirava a cão.

Todos os outros passageiros, alinhados e unidos — um marçano, uma operaria, um sargento de infanteria, um individuo de lunetas de ouro e chapeu alto de abas enormes e muito levantadas, duas senhoras com ar importante e impertinente, qne pareciam dizer pela sua attitude: «Estamos aqui, mas este não é o nosso meio,» duas irmãs da caridade e uma joven em cabello — tinham o ar de uma collecção de caricaturas, d'um museu de grotescos, d'um série

de *charges* á face humana, semelhantes a uma fila de bonecos de *pim pam pum* que nas feiras se abatem com balas de algodao.

Os salavancos do carro faziam bambolear um pouco as suas cabeças, sacudiam-os e faziam tremer um pouco a pelle flacida das faces; a trepidação das rodas, entorpecendo-os, dava-lhes o aspecto de idiotas.

A joven continuava immovel.

—Porque não veio elle para junto de mim? pensava.

Uma tristeza vaga opprimia-a. Elle podia muito bem passar sem fumar o cigarro.

As irmãs da caridade fizeram signal para parar e sahiram uma apoz outra. O omnibus poz-se em movimento e parou novamente, subindo uma cozinheira, muito vermelha, cansada, que se sentou e collocou sobre os joelhos o seu cabaz de provisões, espalhando-se pelo carro um forte cheiro a agua suja da lavagem de loiça.

—E' mais longe do que eu imaginava, pensou Joanna.

Um outro passageiro sahiu e foi substituido por um cocheiro que tresandava a estrebaria. A jovem em cabello teve por successor um moço de recados cujos pés exhalavam o perfume proprio das suas grandes caminhadas.

A mulher do notario sentia-se mal, afflicta, com vontade de chorar sem saber porquê.

Outros passageiros desceram, outros subiram e o omnibus marchava sempre por interminaveis ruas,

parava nas estações e punha-se novamente em movimento.

Pouco a pouco todos os passageiros se apeiaram. Ella ficou só, inteiramente só. O conductor gritou :

— Vaugirard !

Como ella não se mexesse, repetiu :

— Vaugirard !

Ella olhou-o, comprehendendo que esta palavra era para ella, visto que não havia no carro mais ninguem, e o homem repetiu pela terceira vez :

— Vaugirard !

Ella perguntou então :

— Onde estamos ?

— Estamos em Vaugirard, respondeu o conductor com mau modo. Já o disse mais de vinte vezes.

— E' muito longe do *boulevard* ?

— Que *boulevard* ?

— Mas..., o boulevard dos Italianos.

— Ha que tempos que por lá passamos !

— Ah ! Então peço-lhe o favor de avisar meu marido.

— O seu marido ! Onde está elle ?

— Na imperial.

— Na imperial ?! Ha muito tempo que lá não ha ninguem.

Joanna esboçou um gesto de terror.

— Como ?! Não é possivel ! Elle subiu commigo. Veja bem, peço-lhe, elle deve lá estar.

O conductor obtemperou com grosseria :

— Vamos, queridinha, já fallamos de mais, por cada homem que se perde, encontram-se dez. Apeie-

se e acabemos com isto. Depressa achará outro na rua.

Ella, com lagrimas nos olhos, insistiu :

— Você engana-se, affirmo-lhe que se engana. Elle trazia debaixo do braço uma volumosa carteira.

— Uma volumosa carteira. Ah! bem me recordo. Apeiou-se na Magdalena. Fugiu-lhe. Ah ! Ah ! Ah ! O carro tinha parado. Ella apeiou-se, lançando instinctivamente um olhar por todo o omnibus que estava completamente vasio.

* * *

Então poz-se a chorar e, em voz alta, sem pensar em que a ouviam e que estavam a olhal-a, exclamou :

—Que hei-de eu fazer agora ?

O inspector approximou-se.

— Que é ?

— E' uma senhora a quem o marido fugiu no caminho, respondeu o conductor em tom de troça.

— Bom, isso não é nada, trate do seu serviço, replicou o inspector, voltando as costas.

Ella então poz-se a caminhar em frente, muito atrapalhada, completamente desorientada, sem comprehender o que lhe succedia. Que ia ser d'ella ? Que iria fazer ? Que lhe teria acontecido, a elle ? Como explicar este esquecimento, este desprezo, uma tão incrivel distracção ?

Possuia apenas dois francos ; a quem se dirigiria ? E, de repente, veio-lhe á lembrança seu primo Barral, sub-chefe de repartição no ministerio da marinha. Metteu-se n'um trem e fez-se conduzir a casa d'elle. Os dois francos eram justamente o preço da

corrida. Encontrou-o exactamente na occasião em que elle descia para se dirigir á repartição. Levava sob o braço, tal qual como Lebrument, uma volumosa carteira.

Ella precipitou-se da carruagem.

—Henrique! exclamou.

Elle parou estupefacto.

—Joanna?! Aqui?! E só?! Que faz? D'onde vem?

Ella balbuciou, com os olhos cheios de lagrimas:

—Meu marido perdeu-se ainda agora.

—Perdeu-se, mas onde?

—N'um omnibus.

—N'um omnibus?... Oh!...

Ella contou-lhe, chorando, a sua aventura e elle escutava-a, reflectindo. Depois perguntou:

—Seu marido estava calmo esta manhã?

—Estava.

—Bom. Levava muito dinheiro com elle?

—O meu dote.

—O seu dote?!... Inteiro?!...

—Inteiro... para pagar hoje o seu cartorio.

—Pois então, minha querida prima, seu marido deve ir, n'este momento, a caminho da Belgica.

Ella não comprehendia ainda. Balbuciava:

—Meu marido... diz...

—Digo que elle lhe roubou o seu... o seu capital... ora ahi está.

Ella permanecia de pé, suffocada, murmurando:

—Ah! E' então.. é... é um miseravel!...

Depois, vencida pela emoção, cahiu sobre o peito de seu primo, soluçando.

Como a gente que passava, parava espantada, elle impelliu-a docemente para a entrada de sua casa e, sustendo-a pela cintura, fez-lhe subir a escada, e, quando a sua governanta, assombrada, abria a porta, ordenou-lhe:

— Sophia, corra ao restáurante e traga almoço para duas pessoas. Hoje não vou ao ministerio.

MARTYR MODERNA

São no deserto os asnos bravos
Victimas certas do leão:
Na sociedade os pobres são
Do rico victimas e escravos.

TRECHO

O marido, operario relaxado,
Gastava o ganho todo na bebida;
Recolhia alta noite, embriagado;
Tinha ella de ganhar por tres a vida:
Tudo pagava á mãe o unico filho
Em risos e no olhar d'um meigo brilho.

Tinha dois annos a criança, e forte,
Com a rijeza da criança pobre,
Premio da natureza contra a sorte,
No qual a Providencia a mão descobre
Que em tudo os bens e os males equilibra,
Dando oiro ao rico, ao pobre a rija fibra.

Era a mulher uma hábil costureira;
Tesoura e agulha davam-lhe algum pão;
Dias e noites de tenaz canseira
Não repousava a diligente mão
Da moça e bella costureira Emilia
Sem ganhar o sustento da familia.

O ébrio, n'uma alcoólica explosão,
Matou na rua um homem que passava;
Preso e julgado, entrou n'outra prisão,
Jaula legal da humana féra brava.
Eis na penitenciária o assassino
E a mulher fóra, em luta com o destino.

E' pungente o desgosto que ella tem;
Apesar d'ébrio amava o seu marido,
Seu amor único antes de ser mãe,
Mas ama-o mais depois que está perdido;
Pois prezam mais os corações amantes
O amado após a desventura, que antes.

Frequenta a porta da penitenciária
Com o filho ao collo, mas a sentinella,
Que guarda a fortaleza judiciaria,
Enxota-a nem que fôsse uma cadella.
Porque é mulher d'um ébrio matador,
Ninguem tem compaixão d'aquella dôr.

Mas, por amor do filho, ella trabalha,
Ralada com a lembrança do assassino,
Na obscura, ardente, rispida batalha
Da pobreza a lutar contra o destino:
Só lhe mitiga a dôr d'essa lembrança
A auroral alegria da criança.

Mas chega o inverno, e a falta de trabalho.
— «Meu filho chora, elle que d'antes ria;
Tem fome, e ha tanta carne lá no talho!
Tem fome, e ha tanto pão na padaría!
E os ricos a comer, a desfructar...
Meu filho morre, eu quero trabalhar!»

Assim nas ruas grita a desgraçada,
Emquanto a multidão passa indifferente;
E ella afflicta, medonha, allucinada,
Apostrophava toda aquella gente.
Surge a policia e leva-a para a esquadra,
Como se fôsse doida ou fôsse ladra.

Um ricasso berrou: — «Pouca vergonha!»
Vir perturbar na rua a gente séria!»
Jantára bem, com vinho de Borgonha,
E a digestão em face da miseria
Turba-se, como rica e fina dama
Que toca uma mulher cheia de lama.

A policia soltou a miseravel
Logo que a viu um pouco socegada;
Correu a mãe para casa, e a lamentavel
Criança foi achar quasi gelada:
Ambas sem um bocado só de pão,
E ao frio ambas, sem lenha nem carvão.

Pôde a mãe aquecel-a nos seus braços;
Partiu uma cadeira só que tinha,
Accendeu um bom lume com os pedaços,
E tendo adormecido a criancinha,
Tornou á rua em busca d'alimento,
Exposta ao frigido e cortante vento.

Sigámos nós a mãe desventurada
Nas ruas onde vae como em delirio,
Branca de fome, rôxa da nórtada.
— As mães calcúlem seu atróz martyrio...
E' moça, é bella, e tem na face magra
Uma uncção de materna dôr, que a sagra,

Mente dorída, coração enfermo,
Anda, surda ao barulho, cega ao brilho,
Por entre a multidão como n'um ermo,
Scismando só na fome de seu filho,
Mas sem saber como arranjar um pão,
Abandonada quasi da rasão.

O frio esperta-a, chama-a á realidade.
Fere-a um contraste, a esplendida opulencia
Que se exhibe insolente na cidade,
E a sua extrema, horrivel indigencia.
Esse contraste insultador, cruel,
Immerge-lhe a alma em ondas d'acre fel.

Não tinha um trapo já para empenhar,
Scismava n'isso com profunda pena.
Atraz d'ella um janota ia a fallar:
— «Que linda és! Dou-te mil réis, pequena.»
Levava ao peito uma vermelha flôr,
Córada de ir com tão brutal senhor.

Ella parou, deixou passar o bruto.
Mas acercou-se d'ella uma vélhóta,
Com riso adocicado, olhar astuto,
Typo vil, repellente, d'alcaióta:
— «Ai que feliz podia ser, menina;
Vê-se que é pobre, mas tão linda e fina!»

E promettia luxos e regalos.
— «Sim, filha minha, o que lhe custa?... E' nova.
Tenras gallinhas são o amor dos gallos;
Gozar a vida, antes que se abra a cova!
Elle é banqueiro, põe-lhe casa e trem...»
Com um gésto enxotou-a a mártyr mãe.

E indignada gritou, toda vibrante,
Como impellida por occulta mola:
— «Senhores que passaes, tendes bastante,
Eu não me vendo nem vos peço esmola,
Mas meu filho tem fome, dae-me pão,
Trabalharei para vós do coração.»

«Meu filho morre! Dae-me vós trabalho.
Meu filho chora, elle que d'antes ria!
Tem fome, e ha tanta carne lá no talho!
Tem fome, e ha tanto pão na pádaría!
E os ricos a comer, a desfrutar...
Meu filho morre! Eu quero trabalhar!»

Respondem-lhe com chufas, gargalhadas.
— «Quer trabalhar; a hora é propria, é bôa;
Não faltam quartos ou portaes de escadas;
Quarto e cama não custam meia c'rôa...»
Disse esta infamia um cynico peralta
A' porta d'um café, rindo, em voz alta.

Então, não vendo um só impulso bom,
Quasi a cahir, n'um doloroso arranco,
A maldizer, como um funesto dom,
O ser bonita, foi cahir n'um banco...
Ai! sim, ser bella e pobre é ser maldita,
Os tramas dos lascivos facilita.

Belleza, dom celeste e soberano,
Reflexo d'alta luz e cópia augusta
Dos anjos, modelada em barro humano!
Ségue-te Satanaz na via angusta
E barrancosa, que de flores junca,
E apenas caes, cráva-te a garra adunca!

No banco, ao pé de Emilia, suspirou,
Como suspira ou como sopra um folle;
Louco pela mulher, que o fascinou,
Tremia-lhe ávida a papeira molle,
Como treme a papeira d'uma rã,
Ao sol, depois de chuva temporã.

Não se movia a pobre, estava apáthica,
N'uma consternação alheia a tudo.
O homem começou: — «E' tão sympáthica,
Tão linda e pobre... Creia que eu a ajudo.
Quer vir comigo? Diga-me que quer,
Nunca me agradou tanto uma mulher.»

Ia fallando em tom mellifluo, unctuoso
E paternal; tremia-lhe a papeira
E arfava-lhe a compasso o ventre undoso;
Cahira-lhe essa hypócrita viseira
Que ao rosto habitualmente afivellava,
E escancaráva-se a luxúria brava.

Emilia, d'olhos fitos muito abertos,
Mas céga e surda, presa d'um delirio
De fome e dôr, sentidos mal despertos,
Sonhando, via o filho, côr de cirio,
Subir com azas d'anjo ao Paraizo;
Seguia esta visão com um sorriso.

Encantado, o burguez galanteador
Entendeu que o sorriso era a resposta
Aos seus avanços de conquistador;
Pensou: — «gosta de mim, claro está, gosta!»
E, p'ra tomar d'assalto a fortaleza,
Tirou a bolsa d'ouro, — uma belleza,

E com rápido gésto introduziu-a
No collo da mulher, pelo decóte.
No honesto seio a estranha mão, sentiu-a
Como quem sente um golpe de chicote,
E indignada, surpresa, disse: — «Infame!»
— Com medo que ella algum policia chame,

Temendo escándalo, ergue-se a berrar
O homem sério: — «Prendam esta ladra!
A minha bolsa, acaba de a furtar!»
E dava berros como um cão que ladra,
E com o apito d'oiro que trazia
Reforçava, alternava a berraria.

A policia tardou. No emtanto a pobre,
Trémula e pállida, n'um paroxismo
De raiva, que irritou sua alma nobre,
Perante aquelle esquálido cynismo,
Tirando da algibeira uma tesoura,
Cresceu para o burguez, ameaçadora.

Era o instrumento do seu pobre officio,
Com que obtinha o sustento da familia;
E a mãe e esposa digna, sem um vicio,
A inoffensiva, a generosa Emilia,
Amante coração, alma tão fina,
Tornou-se n'um momento uma assassina.

Vibrava golpes na papeira fláccida
Do cavalheiro apavorado e mudo...
A policia chegou, morosa e plácida,
Tarde, mas inda a tempo de ver tudo:
Desarmou a mulher com sanha brava,
Palpou-a, achou-lhe a bolsa onde ella estava.

E jornaes deram conta d'esta historia:
— «A' noite o nosso amigo, o conselheiro
Januário Felicio Paes da Gloria,
Capitalista sério e cavalheiro,
Foi, 'stando a tomar fresco na avenida,
Victima d'uma ignóbil atrevida.»

«Emilia chama-se ella. O seu mistér
E' duplo: prostitue-se e é ratoneira.
E' linda e vende o corpo a quem mais der,
Mas se não acha quem n'um leito a queira,
Vae para os bancos publicos furtar
As bolsas de quem n'elles se assentar.»

«O nosso amigo, o conselheiro Paes,
Tão digno e sério chefe de familia,
Modelo de maridos e de paes,
Sentado por accaso ao pé da Emilia,
Soffreu-lhe com tristeza a tentativa
Com que primeiro o quiz captar, lasciva.»

«Cheio de compaixão, o nosso amigo
Disse-lhe: — «Regenére-se, menina!
«Se é pobre, póde então contar comigo...
«Vou dar-lhe algum dinheiro ..» E a tal ladina,
Quando elle abria a bolsa, arrebatou-lh'a,
Dizendo: — «um prégador! Olha que bôlha!»

«Comquanto generoso, o conselheiro
Revolta-se com tal descaramento,
Luta p'ra lhe arrancar o seu dinheiro,
E a ladra, viva como o pensamento,
Tira um grande punhal, que tinha occulto,
Cráva-o na gorja áquelle nobre vulto!»

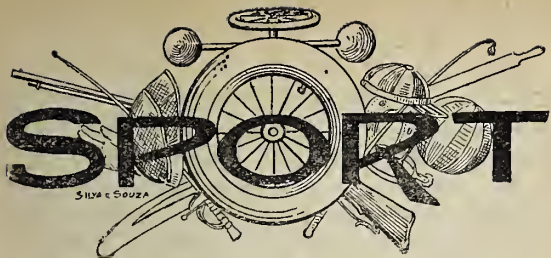
«A policia prendeu a criminosa,
A quem por certo os nossos tribunaes
Farão justiça prompta e rigorosa.
Castiguem-se devéras crimes taes!
E' grande o crime, por ser grande a victima,
E nunca a punição foi tão legitima!»

«A' sociedade cumpre defender
Os seus bons cidadãos contra a ralé
Que não trabalha e á farta quer viver,
Gozando á custa alheia, sem ter fé,
Nem gratidão aos ricos bemfeitores
Que á plebe ingrata fazem mil favores.»

«O conselheiro Paes serve de exemplo.
Quiz da prostituição livrar Emilia,
E ella, em vez de em sua alma erguer-lhe um templo,
Tentou matar um chefe de familia,
Cidadão exemplar e respeitado,
Banqueiro que nas crises salva o Estado!»

«Porisso el-rei, ministros, deputados,
A flôr e a nata da alta sociedade,
Acham-se intimamente consternados...
Como que paira um dó sobre a cidade...
Nossos ardentes votos p'las melhoras
Do senhor Paes, por quem, tu Pátria, choras!»

E em gazetas mais isto se escreveu:
— «Livre de p'rigo o senhor Paes . Deus vela!
A Emilia tinha um filho, que morreu
Proximamente á mesma hora em que ella
Tentava assassinar o conselheiro...
Providencial castigo justiceiro!...»

FERNANDO LEAL

O concurso hyppico na Tapada da Ajuda. — A acção e a intervenção do sr. conde de Fontalva no resurgimento do hippismo nacional.

De ha dias a esta parte que se tem disputado na pista de obstaculos da Tapada da Ajuda as diversas provas do concurso hyppico, organisado especialmente não só para a educação sportiva dos nossos cavalleiros, militares e civis, como para o apuramento dos cavallos que melhor lhes podem servir. As vantagens d'esse concurso são por todos reconhecidas. Já o disse um jornal:

«A idéa de realisar todas essas provas, de obrigar os concorrentes de taes provas a uma serie de saltos sobre variadissimos obstaculos, não representa apenas o gosto do exhibicionismo elegante, sportivo, varonil, como á primeira vista se poderia suppor. Um cavalleiro que salta bem, que se distingue n'uma prova de saltos, é mais alguma coisa do que o simples passeante que só conhece das sensações agradaveis do

hippismo, as que lhe proporcionam o passo, o trote ou o galope do seu cavallo. Personifica bastante de audacia e de mestria para que lhes liguemos uma consideração logica e justa a todos os respeitos. O cavallo que obedece sem hesitações aos desejos do cavalleiro, que transpõe com galhardia uma barreira,

O sr. conde de Font'Alva adestrando a amazona a Ex.ma Sr.a D. Hortense Pereira Raposo

um muro, ou uma sébe, é porque tem na sua estructura organica predicados de nobreza e de finura de raça que o evidenciam notavelmente entre os demais. Um cavallo que não salta — mesmo depois de o terem estimulado methodicamente a isso — é porque não presta. E um cavallo que não presta, um cavallo de má raça, só pode ter como destino inglorio as tarefas mais despreziveis, não se lhe consentindo que deixe, sequer, um humilde rebento de descendencia.»

Resta accrescentar que a alma do concurso tem sido o illustre *sportsman* sr. conde de Fontalva, que tomou a peito o resurgimento do hippismo nacional e quer adextrando cavalleiros e amazonas como a sr.ª D. Hortencia Paiva Raposo — que tem brilhado extraordinariamente nas provas da Tapada — quer organisando essas deliciosas reuniões das terças-feiras no parque de Palhavã, muito contribue para que esse genero de *sport* attinja, dentro em pouco, no nosso meio, uma importancia excepcional.

No proximo numero dos *Cosmos* referir-nos-hemos mais de espaço ao concurso hippico e aos resultados obtidos pelos diversos concorrentes.

Pelo estrangeiro

A victoria de Friol no «Grand Prix» de Paris, (cyclista)

Na pista municipal de Vincennes, realisou-se ha dias a ultima reunião do «Grand Prix» de Paris, (cyclista), prova classica da velocipedia internacional, que desde 1900 — anno em que triumphou Jacquelin — não era ganha por corredor francez. Nove cyclistas haviam sido classificados para disputar as meias finaes: Gabriel Poulain, Walter Rutt, Emile Friol, Henry Mayer, Thornwald Ellegaard, Emile Dupré, Edmond Jacquelin, Schilling e Delage.

Com surpreza justificada de toda a gente, Dupré e Delage conseguiram classificação para a final, batendo o segundo Poulain e Rutt e o primeiro Ellegaard e Mayer. N'estas circumstancias, a victoria de Friol

estava asseguradissima e de facto foi elle o vencedor do Grand Prix, como Kramer já o tinha sido o anno passado e Mayer em 1905.

FRIOL o vencedor do Grand-Prix cyclista

Friol, innegavelmente o melhor corredor francez da actualidade, podemol o equiparar a Kramer, possuindo tambem como este uma ponta final admiravel. Dias depois de ter vencido o Grand Prix bateu-se com Major Taylor — o negro voador que dia a dia está melhorando de fórma — vencendo-o por uma differença pequenissima.

O «Grand Prix» hippico de 1907 foi ganho pelo cavallo «Sans Souci II»

Pertence ao barão de Rothschild o cavallo que este anno ganhou o Grand Prix na pista do Bois de Boulogne, vencendo varias *cracks* de fama. Chama-se *Sans Souci II* e o total das quantias que a sua victoria fez metter no bolso do proprie-

Sans Souci II, vencedor do Grand-Prix de 1907

tario ascende a quasi meio milhão de francos. Só do Grand Prix foram 264.000 francos.

Barão de Rothschild, proprietario do *Sans Souci II*

A assistencia este anno cresceu de maneira extraordinaria, apesar de só entrarem na lucta cavallos de creadores francezes e de não ter concorrido nenhum *crack* inglez, como succedeu em annos anteriores.

O assassinio tragico d'um luctador de fama

Jean Witzler, o athleta-luctador muito conhecido pela sua brutalidade, foi assassinado ha dias a tiros de rewolver por um soldado de couraceiros, Leon Deville. E pode dizer-se que Witzler foi victima d'essa mesma brutalidade de que deu sobejas provas em 1905 no torneio da *Cintura d'Ouro*, provocando então os protestos indignados de toda a gente que pre-

senciou os seus *matchs*. O crime foi commettido do seguinte modo:

Jean Witzler havia sido contractado para a feira de Neuilly. Deville, antigo luctador, foi vel-o trabalhar e em certa altura combateu com Witzler, fazendo com que este tocasse sempre, a cada *reprise*, com as espaduas no chão. Witzler enraiveceu-se e entre os dois athletas houve instantes depois uma terrivel scena de pugilato. Foi necessaria a intervenção da policia; mas Witzler, ao ser separado do seu rival, jurou-lhe pela pelle e d'ahi a momentos, encontrando-se na rua avançaram um para o outro como duas féras.

Witzler metteu a mão ao bolso e Deville, imaginando que elle ia puxar alguma faca, armou-se d'um rewolver e desfechou quatro tiros sobre o seu antagonista, que não tardou a expirar.

Palestra scientifica

Phenomenos opticos da atmosphera

A côr do céo

Porque razão é o céo azul e algumas vezes apresenta, ao nascer e ao pôr do sol, uma coloração vermelha mais ou menos carregada? E' esta uma pergunta que não terá accudido ao espirito de toda a gente e todavia são phenomenos que diariamente observamos.

E' que os raios de luz não atravessam todos com a mesma velocidade as camadas atmosphericas, nem são reflectidos com a mesma facilidade. Se a atmosphera fosse exclusivamente gazosa e não contivesse em suspensão particulas tenuissimas solidas ou liquidas, a luz viria directamente do Sol e da Lua e o ceu apresentar-se-nos-ia inteiramente negro. Mas não succede assim e a quantidade infinita de particulas pequenissimas em suspensão na atmosphera absorve uma porção da luz do Sol, deixando passar alguns dos raios e reflectindo outros, produzindo assim uma diffusão de luz de que resulta a illuminação geral da abobada celeste. Ora os raios de luz que são reflectidos com mais facilidade, como se prova pelas experiencias a que procedeu Hassenfratz são os azues e

por isso é que a coloração da abobada celeste é azul. Na occasião, porém, do nascimento e do occaso do Sol, como este se encontra perto do horisonte, os raios de luz atravessam, sob muito maior espessura, as camadas inferiores da atmosphera que são as mais ricas em poeiras, produzindo uma diffusão mais intensa que tende a lançar para muito longe os raios azues, tomando o astro, então, e a parte da abobada celeste que o rodeia, uma coloração vermelha, mais ou menos carregada, pela diffusão dos raios vermelhos que são os que atravessam mais facilmente e com maior velocidade as camadas atmosphericas.

Arco iris

E' uma banda circular cujo centro se encontra na linha que passa pelo Sol e pelo olho do observador, com todas as côres do espet ro solar, violeta na parte interna e vermelho na parte exterior. O arco iris é o resultado da refracção e reflexão dos raios solares nas gotas de chuva e por isso produz-se sempre que uma nuvem, na região do céo opposta áquella em que se encontra o sol, se resolve em chuva.

E' um phenomeno puramente local; ás vezes observa-se um outro arco concentrico com o primeiro, mas maior, mais largo e menos luminoso, com as côres dispostas em ordem inversa do primeiro, isto é, vermelho na parte interna e violeta na exterior.

Algumas vezes ainda, mas muito raramente, observam-se no interior do primeiro arco, bandas luminosas alternadamente coloridas de violeta e verde e

acontece tambem, mas mais raramente ainda, observarem-se essas bandas fóra do segundo arco.

Corôas e halos

O phenomeno luminoso conhecido pelo nome de *corôas* consiste n'um, dois ou tres anneis coloridos, que se formam em torno do Sol e da Lua, apresentando algumas vezes todas as côres do espectro solar, com a violeta na parte interna e a vermelha no exterior. No Sol raras vezes se avistam por causa do brilho da luz d'este astro.

As mais das vezes o annel interior apresenta-se-nos colorido de azul misturado de branco, seguido pelo lado de fóra de um arco vermelho que pela parte interna é muito nitido e na parte exterior bastante esbatido, confundindo-se com os anneis seguintes.

Estas coroas têem um diametro muito pequeno e raras vezes se observam mais de duas; na segunda e na terceira quando a ha, apenas se distinguem, geralmente, a côr verde no interior e a vermelha no exterior.

As coroas produzem-se todas as vezes que por deante do Sol ou da Lua passa uma nuvem pouco espessa composta de gotas muito finas, pouco mais ou menos do mesmo diametro, e resultam da difracção da luz.

Os halos são circulos coloridos que se veem em volta do Sol e da Lua, produzidos pela refracção dos raios solares nos crystaes de gelo que constituem as nuvens conhecidas pelos nomes de *cirrus* e *cirrus-stratus*. Os halos são coloridos na parte interna de

vermelho, seguindo-se a côr amarella; as outras côres espectraes, em geral, não se distinguem, e formam uma larga banda circular, esbatida, branca, que acaba por se confundir com a coloração geral do céo. A's vezes observa-se em volta da Lua mais de um circulo e n'este caso diz-se que o halo é duplo. No Sol não se avistam os halos por causa do brilho da luz, a não ser que se observe o astro atravéz de um vidro córado, ou por reflexão na superficie calma da agua.

Anecdotas

Um escriptor celebre perseguia constantemente com as suas ironias o poeta Piron; em qualquer parte em que se encontrassem, n'um baile, n'um jantar, n'uma reunião de amigos, Piron era alvo das ironias causticas e mordentes d'aquelle escriptor. Por fim o poeta aborreceu-se sériamente e evitou todas as occasiões de se encontrarem.

Um dia que Piron foi convidado para uma festa de litteratos e amigos, respondeu que não iria se para a festa tivessem convidado o escriptor F..., porque não estava para o aturar. Os amigos que não queriam dispensar a presença dos dois, foram ter com este e pediram-lhe com muita insistencia a promessa de não incommodar Piron com as suas costumadas ironias.

— Dir-lhe-hei apenas quatro palavras, respondeu F...

Quando os amigos transmittiram esta promessa a Piron, este acceitou o convite para a festa.

— Em quatro palavras que me poderá elle dizer que me incommode? Ora, coisa alguma. Acceito o convite, disse elle.

Chegado o dia da festa reuniram-se todos e serviram-se varias iguarias. A alegria era geral. F... manteve a sua promessa e nada dizia a Piron que tranquillo

por esse lado, expandia alegremente o seu bom humor.

Uma enorme travessa de camarões foi saudada com palmas e vivas e logo atacada com ancia por todos os convivas. Passados alguns minutos, Piron que se distinguiu galhardamente no ataque aos camarões, exclamou:

— Apre! Comi mais camarões do que philisteus matou Sansão!

— *Avec les mèmes armes!* commentou F..., e uma estrepitosa gargalhada sublinhou o commentario.

— E' possivel, duqueza, aquillo que me disseram a seu respeito?

— ?!

— Disseram-me que estava para casar com um homem desconhecido no nosso meio, um homem sem nome!

— Então que tem isso de extraordinario, minha cara baroneza, não vale mais um homem sem nome que um nome sem homem?

Um homem muito rico, mas muito avarento cuja herança era cubiçada por um sobrinho, recebia d'este, amiudadas vezes, magnificos presentes, e o avarento nem ao menos se lembrava de gratificar o creado que lh'os levava. Este, furioso contra o velho, um dia em que lhe levou um novo presente, um casal de perús, atirou-lhe com estes aos pés e disse-lhe com mau modo:

— Aqui estão estes perús que lhe manda o meu amo.

— Malcreado! disse-lhe o velho indignado, isso são maneiras de entregar um presente?!

— Ora essa, respondeu o creado, como queria então que eu lh'o entregasse?

— D'este modo, retorquíu o velho, um pouco de educação não custa dinheiro a ensinar. E, pegando nos perús, voltou-se para o creado, tirou o chapeu e disse-lhe:

— O meu patrão deseja-lhe muita saude e ao mesmo tempo envia-lhe este casal de perús, pedindo mil

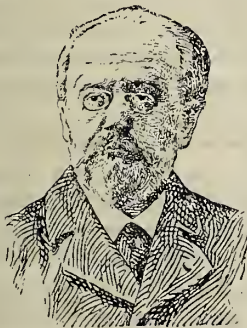
Toma para ti uns cinco tostões

desculpas da insignificancia da offerta. Era assim que devias ter dito, bruto.

O creado, porém, tinha-se empertigado, e, tirando

Homens celebres de todos os tempos

Emile Zola

Em uma das novellas menos conhecidas de Zola apparece uma figura modelar de vontade intensiva, que até certo ponto, nos dá uma idéa do proprio escriptor. E' a de Nantas, que a si mesmo, na orgulhosa consciencia do seu valor pessoal, se denomina — «uma força» *(Je suis une force)*. Nantas é uma especie de Luciano de Rubempré, mais pratico e materialista que o personagem balzaquiano: veio da sua provincia para Paris com a intenção firme de vencer, e não só pela emancipação de certos escrupulos moraes, mas, no verdadeiro pensamento conceptivo da afabulação do conto, pela persistencia e tenacidade nos designios, consegue de facto, atravez todas as contrariedades e circumstancias adversas, e depois de uma lucta en-

E. Zola

carniçada, triumphar realmente, colher uma victoria brilhante. O grande romancista naturalista, tambem, só alcançou a consagração literaria após uma prolongada e violenta batalha, travada e sustentada com a mais teimosa constancia, para impôr o seu processo artistico e a sua obra, que, de começo, quando contava ainda apenas alguns raros partidarios timidos e receosos, logo desde a primeira hora tiveram de suportar os ataques desesperados de adversarios intransigentes e de auctoridade já estabelecida. Só os que conservam memoria das formidaveis campanhas jornalisticas de Zola, das suas agressões colericas, das suas desforras cegas, das suas demolições tremendas, é que podem avaliar quanta somma de esforço perseverante, de vontade renitente, de trabalho energico, de resistencia sistematica, custou a este herculeo Nantas das letras a conquista definitiva da celebridade.

Emile Zola, filho de um engenheiro italiano, que morreu quando elle contava sete annos de idade, e assim deixou a sua mocidade ao abandono, nasceu em Paris, em 1840, e, terminados os seus estudos lyceaes, entrou como empregado na livraria Hachette. Tal foi o modesto inicio de vida do homem, que, sem possivel contestação, alcançou o mais pujante renome na litteratura francesa durante o ultimo quartel do seculo passado. O seu logar na famosa livraria tinha, porem, como principal encargo as relações com os periodicos para o respectivo reclame dos livros editados. e foi isso o que concedeu a Zola a facilidade de começar a escrever nos jornaes, onde o seu primeiro com-

bate notavel foi o empenhado a favor do pintor Manet, no *Évenement*. Antes de obter aquelle modesto emprego, Zola penou dolorosamente, enganando muitas vezes a fome com versos. Elle proprio contava ter-se alimentado parte de um inverno com pão molhado em azeite de Aix, que os parentes lhe tinham mandado; outras vezes apanhava, com armadilhas, os pardaes que pousavam no telhado da sua agua furtada e assava-os no espeto feito de um ferro de cortina.

Os primeiros romances de Zola: *Les Mystères de Marseille* e *Vœu d'une morte*, passaram quasi despercebidos. Foi em 1864 que os *Contes à Ninon*, e no anno seguinte *La Confession de Claude*, começaram a atrahir sobre elle a attenção, que o ruido levantado já pelas suas apaixonadas polemicas jornalisticas excitou ainda mais. Em 1867 publicou-se a *Thérèse Raquin*, e desde este romance pode dizer-se que o nome de Emile Zola adquirio uma cotação d'ahi por diante indiscutivel.

Em 1871 encetou Zola, com a *Fortune des Rougon* a extensa serie chamada dos Rougon-Macquart em que se propoz escrever a historia natural e social de uma familia durante o segundo imperio. Essa serie concluiu, em 1893, com o *Docteur Pascal*, o vigessimo romance na ordem da collecção. O plano do eminente escriptor consistia em realisar um estudo completo do homem phisiologico e social, submetido ás condições da hereditariedade e á influencia do meio, conforme as conclusões apresentadas pela sciencia do nosso tempo, e é assim que todas as qua-

lidades phisicas e moraes dos numerosos e variados descendentes, que resultaram da alliança dos Rougon com os Macquart,—uns vivendo na capital, outros na provincia; uns ricos, outros pobres; uns illustrados, outros ignorantes; uns honestos, outros indignos;—decorrem de uma nevrose original, que se propaga e irradia, em diversas modalidades pathologicas, na sucessiva prole tarada.

Depois de terminada a serie dos Rougon-Macquart, encetou Zola a das tres cidades: *Lourdes* (1894) *Rome* (1896) e *Paris* (1898), e seguidamente a dos quatro evangelhos: *Fécondité* (1899) *Travail* (1901), *Verité* (1902) e finalmente *Justice*, cuja elaboração foi interrompida pela morte brusca e desastrosa do grande romancista, nos ultimos mezes de 1902, em resultado de um acidente de tiragem do fogão do seu quarto de cama.

Zola foi o creador e supremo mestre do naturalismo no romance. O caracter da sua obra, não precisa, portanto ser definido, e menos ainda o sistema da escola precisa já ser julgado. Pelo que respeita ás qualidades puramente formaes do escriptor, bem poucos teem conseguido adquirir como elle uma tão flagrante nitidez na expressão objectiva e exterior das cousas. Sabem-no todos os que o lêram, e decerto que ninguem deixou de lêr, ao menos, o *Assommoir*, a *Nana*, a *Debacle*, etc.

A personalidade moral de Zola accentuou-se tambem com bastante relevo, na ultima phase da sua vida, por occasião da sua intervenção predominante na campanha em favor de Dreyfus. No principio de 1898

publicou a sua eloquente carta *J'accuse*, pela qual foi perseguido judicialmente e condemnado a um mez de prisão e 3 mil francos de multa. Exilou-se em Inglaterra, regressando só em meiados do anno seguinte, quando a revisão do processo Dreyfus foi resolvida, e promulgada uma amnistia. O seu bello gesto generoso e humanitario foi acolhido, então, pelo applauso sincero do mundo inteiro, e não foi Portugal, justo é recordá-lo, dos ultimos a associar-se a essa universal homenagem.

Charadas, enygmas e acrosticos

CORRESPONDENCIA

Édvento. — As producções que estão sahindo pertencem-lhe.

Zephyro. — Acordasse mais cedo.

Camillo. — Póde mandar em carta.

Decifrações do n.º 2

16, Entretido. — 17, Sobresalentes. — 18, Fallecido. — 19, Marcellino.—20, Temerario.—21, Mil felicidades agouro ao «Cosmos». — 22, Mocidade ociosa faz velhice vergonhosa. — 23, Cochicho. — 24, Isca. — 25, Trapo-tropa. — 26, Regoa. — 27, Maria-ribeira-arara. 28, Cosmos. — 29, Cosmos. — 30, Um homem namorado é um homem que quer ser mais amavel do que lhe é possivel; eis porque todos os namorados são ridiculos. — 31, Sobrecasaca.

Decifradores

Cerisao, Padre Eterno, Leticia, Camillo e Alejoal.

ENYGMAS TYPOGRAPHICOS.

32

Nota 6s suspende! aob fluido ine rio saltar 1 50 50 caminho ┬ !

Obidos. *(Padre Eterno).*

33

Artelos + parente

(Dperofer).

*

34

NOTA 5 NOTA NOTA

(Gambetta).

*

35

$\frac{Q}{K}$ NOTA 100 ATREFA $\frac{100}{T}$

(Az de Paus).

*

36

A virtude $\frac{E\ 1}{PNOTAS}$ TALONO

virtude pronome—s á mulher

(Frescata).

ACROSTICO. 37

C * * * * *
* O * * * *
* * S * * *
* * * M * *
* * * * O *
* * * * * S

Peixes

(Padre Eterno).

Charadas

POR SYLLABAS.

38

Uma trave reboquei — 2
até á beira do Sado — 2
e velozmente a mandei
a casa d'este prelado.

(Pirolito).

ADDICIONADAS.

39

Transfere
—na—
Terra portugueza

(F. Delho).

*

40

Planta
— ti —
cordel

(Pirolito).

COMBINADAS.

41

1.ª + na = Planta
2.ª + va = Deusa
3.ª + ta = Era

Mulher

(Arthur Neves).

*

42

1.ª + gar = ceifar
2.ª + ra = rija
3.ª + ta = caixa

Bilhete

(Golias).

CRESCENTE.

43

Agarra no — e dá, na —, uma —.

(Golias).

ELECTRICA.

44

Que bellos perfumes tem esta terra! — 3.

(Golias).

METAMORPHOSE.

45

Uma tira do envolucro — 2 (l. c.).

(Arthur Neves).

EM PHRASE.

46

Na selva o homem é uma villa — 2-3.

(Gambetta).

*

47

O homem diz que não é de lá, quando chega a esta villa. — 1-1-1.

(Gambetta).

MAÇADA LYRICA.

48

OPERA

VI A RATA, T

(Pintakzas)

MAÇADA LITTERARIA.

ESCRIPTOR PORTUGUEZ

49

TU? LI O JORNAL DO MUNDO

(Arthur Neves).

PERGUNTAS GEOGRAPHICAS.

50

Qual é a terra em que a dôr é honrada?

(Açnarepse).

*

51

Qual é a terra portugueza que tirando-se-lhe a ultima lettra ainda fica alguma coisa?

(Édvento).

PERGUNTA MUSICAL.

52

Pronunciei o nome d'um instrumento e avistei um homem?!

(Gambetta).

ENYGMA PITTORESCO

53

(Gambetta).

HORTICULTURA E FLORICULTURA

A cultura dos melões

Um dos melhores productos da horta é sem duvida o melão, saborosissimo fructo cuja cultura é no nosso paiz feita ao ar livre. Requer uma terra leve e substancial; os terrenos novos são os que dão melhores resultados. A epocha mais propria para a sementeira é a que decorre de abril a junho, podendo-se prolongar até julho, em determinadas regiões, devendo conservar-se as pevides em vinagre durante algumas horas antes da sementeira para accelerar a germinação. Em cada cova lançam-se cinco ou seis sementes.

Sendo possivel a terra escolhida para a sementeira deve estar exposta ao sul, porque o melão é tanto melhor quanto mais elevada fôr a temperatura na epocha da maturação. No terreno escolhido abrem-se vallas de meio metro de profundidade que se enchem de estrume de cavallo bem curtido, lançando-se por cima uma camada bem calcada de boa terra. As covas para receber as sementes devem fi-

car á distancia de 1,20 metro, umas das outras, e as vallas á distancia de 1 metro.

As regas devem ser moderadas. Para se obter bons melões deve-se regar poucas vezes, mas abun-

A cultura dos melões

dantemente. Está claro que as regas frequentes fazem desenvolver muito os fructos, mas sáhem com um sabor muito pouco apreciavel. Em geral, para o

melão vir com um sabor agradavel deve a planta ser regada uma ou duas vezes, o maximo, durante todo o periodo da sua vegetação.

Uma outra operação importante para apurar o sabor dos melões, mas que no nosso paiz poucos praticam, é a capação do meloal. Quando a planta tem tres ou quatro folhas, corta-se com o dedo pollegar e o index, o caule principal acima das duas primeiras folhas, não comprehendendo as cotyledonares, evitando ferir os olhos que começam a formar-se na axilla. Estes olhos desenvolvem-se então vigorosamente e dão origem a dois ramos oppostos.

Estes devem ser egualmente capados mais tarde, acima da terceira ou quarta folha, supprimindo os olhos das cotyledonares. De cada uma das folhas que ficaram, desenvolvem-se novos ramos que por sua vez são capados acima da terceira folha, não importando que com essa operação se supprimam algumas flores. E' nos ramos provenientes d'esta terceira capação que se desenvolvem os melhores e mais saborosos fructos. Esses ramos devem dispor-se no terreno de modo que se não entrelacem.

Mais tarde é preciso fazer uma quarta capação, mas só acima da quarta folha acima do fructo, devendo cortar-se então todos os ramos infructiferos e os demasiadamente compridos.

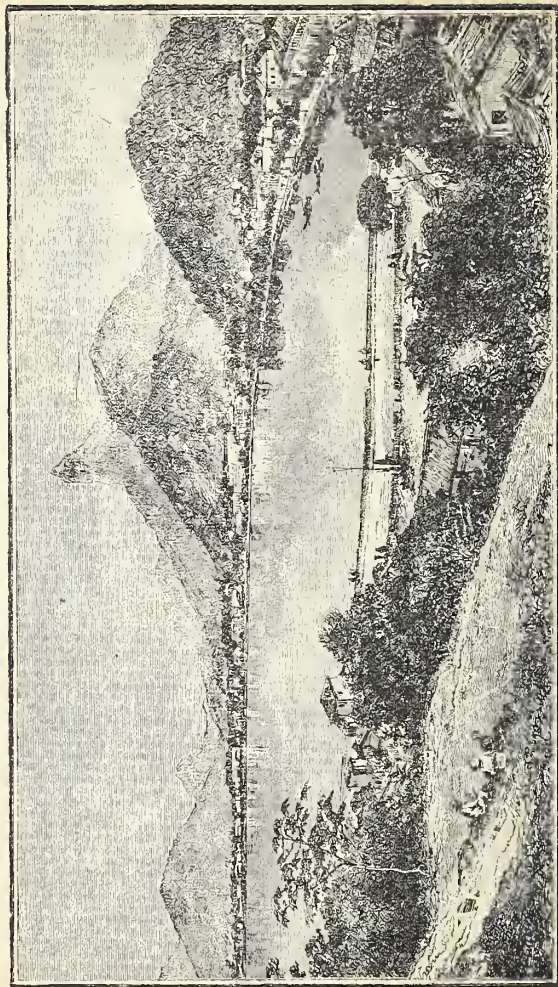
No primeiro periodo do desenvolvimento do fructo é conveniente fazer-lhe um bocado de sombra com as folhas da propria planta.

Observando-se á risca estas prescripções póde-se ter a certeza de vir a colher magnificos melões.

Os grandes paizes e as grandes cidades

O Brazil

Nenhum paiz nos interessa tanto como o Brazil, e por isso as noticias d'elle nos despertam uma curiosidade e comoção superiores ás referentes a qualquer outro. Somos visinhos de ao pé da porta da Hespanha e juntos com ella escrevemos algumas paginas da historia da civilisação iberica; temos com Inglaterra uma aliança tradicional, firmada em testemunhos seculares de dedicação mutua; a França, nuncia do pensamento latino, exerce uma grande influencia no nosso espirito; mas é o Brazil, nosso irmão pelo sangue e pela lingua, que naturalmente vive, e viverá sempre, mais perto do nosso coração.

Os laços de afecto que nos unem á grande nação sul-americana são por tal forma intimos, estão cimentados tão fortemente na alma dos dois povos, lavram tão fundo as suas raizes antigas, que se não podem desdar com facilidade. Esse solo uberrimo do Brazil, fomos nós que principiamos a desbravá-lo e a colonisá-lo; esse povo novo, rico de todas as energias da

O porto e a cidade do Rio de Janeiro, apanhando parte da avenida marginal

mocidade, fomos nós que o guiamos, durante os seus primeiros passos, no caminho do progresso social.

Ainda hoje vinte a trinta mil portuguezes partem, cada anno, para a labuta da vida no Brazil. Encontramos hoje lá uma energica concorrencia. Outras colonias estrangeiras, especialmente a italiana, tem invadido aquella prospera terra americana. Os braços de Portugal, por muitos milhares que se contem, são bem insuficientes para o arroteio e exploração da vastissima região que vae do Angoras até aos confins do Rio Grande. Mas a verdade, tambem é que nós temos descurado o Brazil com a mais criminosa independencia. O nosso commercio não chega actualmente a attingir sete mil contos com a florescente republica, que era e foi durante muitos annos, a segunda nação na escala das que negociavam comnosco. Basta considerar o deploravel estado de abandono em que se encontra a navegação portugueza para o Brazil. Sulcam o mar navios de todas as nacionalidades em direcção aos portos americanos do sul: a Inglaterra, a Allemanha, a França, a Italia, sustentam linhas regulares de paquetes para lá. E nós, que a todos os mais indicámos o itinerario, mandamos, os nossos emigrantes e as nossas mercadorias por navios estrangeiros.

As nossas colonias da Bahia, de Pernambuco, de Santos, e do Pará, que detém exclusivamente o commercio da cidade de Belem, são numerosas e opulentas, representando focos extraordinarios de trabalho e de valiosa riqueza. Mas o que sabemos, a respeito d'ellas? Nem sequer o numero de portuguezes que as constituem, quanto mais as formas da sua actividade

a somma dos seus recursos, a historia dos seus esforços. Essas colonias vivem esquecidas e quasi inteiramente abandonadas pela mãe patria.

Do Brazil moderno, do seu admiravel desenvolvi-

Ilha Fiscal (porto do Rio de Janeiro)

mento, da sua vida politica e economica, do seu trabalho, da sua producção scientifica e literaria, ignoramos, em geral, da nossa maneira, tudo ou quasi tudo.

E' certo que nos ultimos annos se tem escripto em Portugal a respeito das coisas brazileiras e que se co-

meça a comprehender o erro commettido, renascendo e avigorando-se no nosso coração, ao mesmo tempo, o affecto, que jámais se apagou decerto, mas que por um momento pareceu arder apenas sob as cinzas; e

D. Pedro I (Rio de Janeiro)

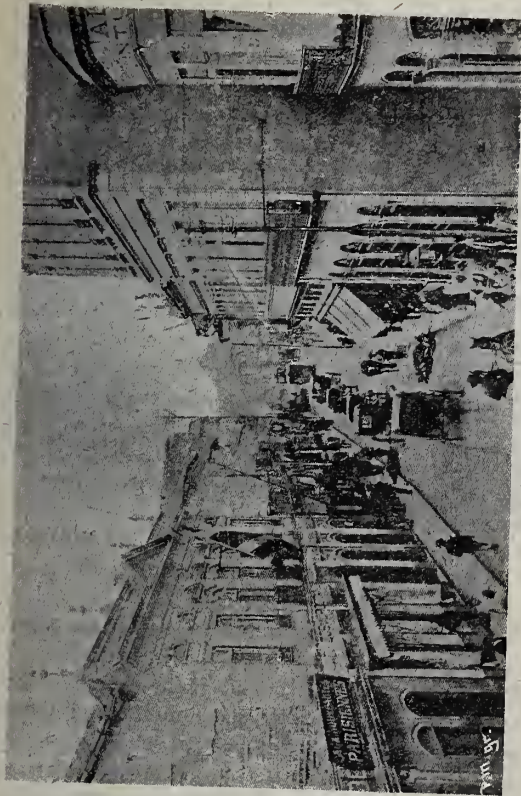
é com a maior satisfação que reconhecemos, ainda, que da parte do Brazil se manifesta, igualmente, um verdadeiro rejuvenescimento dos sentimentos de amisade sincera, que durante tanto tempo se affirmaram inalteravelmente entre as duas nações. Necessario é, comtudo, que elles se conheçam bem entre si, para convictamente se apreciarem — e por esse motivo é

que falamos hoje do Brazil aos portuguezes, que elles, póde dizer-se, sem afronta da verdade, conhecem bem menos do que os brazileiros ao nosso Portugal.

O immenso Estado americano que os portuguezes descobriram, colonisaram e civilisaram, confina com todos os Estados da America do sul, excepção feita para o Chili, e tem uma superficie de 3.190:000 milhas quadradas com 7:000 kilometros de costa maritima no Atlantico. E' um dos maiores Estados do mundo; a sua superficie representa 61 por 1:000 de todas as terras á superficie do globo, 853 por 1:000 da Europa e é 93 vezes maior que a superficie do nosso paiz com as ilhas adjacentes comprehendidas.

O Brazil foi descoberto em 24 de abril de 1500 por Pedro Alvares Cabral que lhe deu o nome de Santa Cruz, quasi logo substituido pelo actual, em razão de ter constituido a primeira exploração commercial dos portuguezes, n'aquelle territorio, a venda de um pau a que se chamou brazil por a sua côr se assemelhar muito á da braza.

E' um paiz bastante accidentado, menos montanhoso para o sul que para o norte, cortado de bastantes serras; conta quatro cordilheiras mais importantes, a do Espinhaço ao centro, a Maritima ao oriente, a das Vertentes ao occidente e a da Paracayma ao norte; o pico mais elevado de todo o Brazil é o Itatiaia com 3:140 metros acima do nivel do mar.

Quatro são tambem as grandes bacias hydrographicas d'este vastissimo territorio: a do Amazonas, um dos maiores rios do mundo, que em territorio bra-

Rua 15 de Novembro (S.t Paulo)

zileiro tem um percurso de 3:828 kilometros e recebe 18 grandes affluentes; a do Tocantis, rio de 2:640 kilometros de extensão e 6 grandes affluentes; a do Paraná, rio formado pela reunião do Rio Grande e do Paranahyba e que, juntando-se depois ao Paraguay, fórma o Rio da Prata; e a do S Francisco. No Paraná existe o Salto das Sete Quedas, cataracta que muitos comparam á do Niagara e no rio S. Francisco ha a celebre cachoeira de Paulo Affonso. Além d'estes quatro rios ha muitos outros que desaguam no Atlantico.

Numerosas são as ilhas do littoral brazileiro e algumas de consideravel extensão, como a de Marajó na foz do Amozonas com 270 kilometros de comprimento e 173 de largura, e, coisa curiosa, até no interior do territorio brazileiro se encontram grandes ilhas, como é, por exemplo, a do Bananal, formada por dois braços do rio Araguaya, affluente do Tocantis, e que tem nada menos de 390 kilometros de comprimento.

Longe do littoral possue o Brazil a ilha Fernando de Noronha que é uma colonia penitenciaria, a ilha da Trindade e a de Santa Barbara.

N'um littoral de 7:000 kilometros devem ser numerosos os portos.

Com effeito o Brazil possue muitos e magnificos portos. O do Rio de Janeiro que é um dos mais bellos portos do mundo, tem 198 kilometros de circuito. Além d'este, contam-se, entre os portos principaes, Santos, Pernambuco, Bahia, Pará, Rio Grande do Sul, Porto Seguro, Maceió, Maranhão, Santa Catharina, etc., etc.

A população brazileira é avaliada em 16.500:000 habitantes, dos quaes 6.000:000 de brancos, 3.000:000 de negros, 1.000:000 de indios e os restantes mestiços. A maioria da população, quasi a totalidade, professa a religião catholica. A instrucção primaria tem attingido nos ultimos tempos um grande desenvolvimento.

Thesouraria (S. Paulo)

O Brazil é um tão vasto territorio que n'elle ha dois climas perfeitamente distinctos: temperado e secco nos Estados do sul, quente nos Estados do centro, quente e humido nos que ficam situados nas regiões intertropicaes. Ha pontos em que chove abundantemente, e outros, como os sertões do Ceará, Parahyba, Rio Grande do Norte e Pernambuco onde a falta de chuvas origina, por vezes, terriveis desastres agricolas. Entretanto nunca o thermometro sobe a mais de

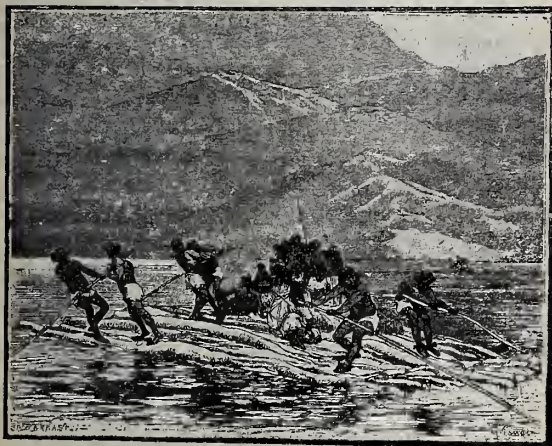
36° nas regiões mais quentes, nem desce abaixo de— 3 graus nas mais frias.

A vida economica do Brazil assenta principalmente sobre a agricultura; a industria fabril está, por assim dizer, na infancia, com excepção dos tres Estados do sul, Paraná, Santa Catharina e Rio grande do Sul, onde as manufacturas tem attingido nos ultimos tempos uma consideravel importancia. No Brazil cultiva-se em grande escala o cacau, o tabaco, a canna saccharina, o arroz, o algodão, etc., mas a cultura principal é o café de que produz perto de 500:000 toneladas, pertencendo a parte mais importante ao Estado de S. Paulo que, só por si, produz mais café que todos os outros Estados juntos. Outra cultura industrial preponderante é a da borracha. O Brazil é o primeiro entre os paizes productores d'essa gomma : não só pela quantidade que fornece, — bastando dizer que só o Pará dá 60 por cento da producção total do globo, — como pela superioridade da qualidade dos seus magnificos cautchoucs.

O commercio de importação é calculado em libras esterlinas 21:568:000 e o de exportação em libras 26.750:000 o que denuncia uma grande prosperidade. A maior parte do commercio de importação é feita com a Inglaterra, Estados Unidos e Portugal e o de exportação com os Estados Unidos.

A sua marinha mercante conta cerca de 580 navios, attingindo quasi 185:000 toneladas.

A riqueza mineira é consideravel — ouro, diamantes, e ferro — mas a exploração está muito pouco desenvolvida; o ferro, sobretudo, é abundantissimo. A

mina de ouro, chamada Morro Velho, ainda hoje é muito importante e a sua exploração dura ha cento e tantos annos! Toda a região que vae desde Congonhas (Morro Velho) até Diamantina, a 65 leguas de Ouro Preto, no Estado de Minas Geraes, é aurifera

Uma jangada no Amazonas

e o clima é esplendido, muito temperado, e ha lá magnifica agua.

O territorio brazileiro é atravessado em varios pontos por vias ferreas que attingem hoje um comprimento approximado de 26:000 kilometros mas, para tão vasta extensão territorial, representam aquelles algarismos pequeno desenvolvimento ferroviario. Todavia ha linhas muito importantes como são a Mu-

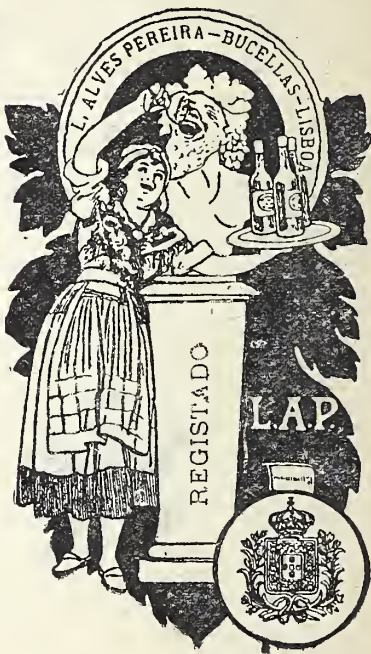
giana e a Sarocabana no Estado de S. Paulo e para compensar, até certo ponto, a falta de vias ferreas, possue o Brazil talvez as melhores vias fluviaes do mundo, como são o Amazonas e outros rios, navegaveis em grande extensão.

No Brazil vivem muitas colonias estrangeiras, principalmente europeias. Uma das maiores é, sem duvida, a portugueza, que se fixou especialmente no Rio de Janeiro, Santos, Pará e Manaus, mas por todo o paiz, quer no littoral, quer no interior, se encontram portuguezes em maior ou menor numero. A colonia italiana assentou principalmente no Estado de S. Paulo, onde desempenha todos os misteres, e a allemã no Paraná, em Santa Catharina e principalmente no Rio Grande do Sul. As colonias de individuos de outras nações europeias são menos importantes e numerosas, tendo, comtudo, adquirido uma certa importancia, nos ultimos annos, a turca, que dispõe, essencialmente, de uma magnifica organisação commum, a qual alberga o emigrante logo depois de desembarcado e o expede directamente para o ponto onde o seu esforço póde ser melhor valorisado.

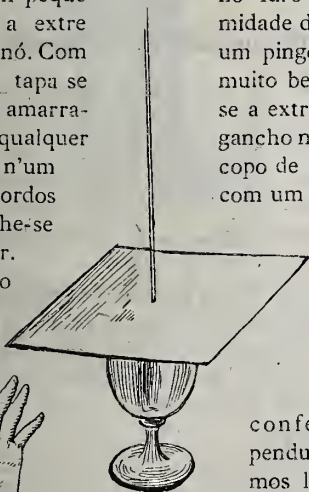
Até 1889 o Brazil constituiu, sob o ponto de vista politico, uma monarchia hereditaria constitucional representativa, mas, em 15 de novembro d'aquelle anno, uma revolução desthronou o imperador e proclamou a republica, dividindo o paiz em 20 Estados federados e a capital federal, correspondendo exactamente ás 20 provincias do imperio e ao chamado municipio da côrte. A capital federal é o Rio de Janeiro (o antigo municipio da côrte), e os Estados fe-

derados são o Rio Grande do Sul, Santa Catharina, Paraná, S. Paulo, Rio de-Janeiro, Espirito Santo, Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Parahyba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauhy, Maranhão, Pará, Minas Geraes, Goyaz, Matto Grosso e Amazonas.

O poder legislativo é exercido pelo presidente, um senado e uma camara de deputados.

As cidades mais importantes do Brazil são: Rio de Janeiro com 900:000 habitantes, Bahia com 250:000, Pernambuco ou Recife com 190:000, S. Paulo com 250:000 e o Pará com 150:000.

Distracções e coisas uteis

Um pendulo que causa sobresaltos

É uma curiosa experiencia esta, de magnifico effeito e de simples execução. Faz-se n'um pedaço de cartão um peque no furo pelo qual se introduz a extre midade de um fio a que se dá um nó. Com um pingo de cera ou de lacre tapa se muito bem aquelle furosinho e amarra- se a extremidade livre do fio a qualquer gancho no tecto. Pega- se depois n'um copo de vidro, untam- se-lhe os bordos com um bocado de sebo e enche-se de agua a trasbordar. Tapando a boca do copo com o boc ado de car tão e, premindo um pouco teremos confeccionado o pendulo e poderemos largar o copo que ficará suspenso do cartão. A principio, emquanto nos não habituarmos

Podemos largar o copo

a vel-o funccionar, este pendulo causar-nos-ha sérios sobresaltos, mas poderemos sem receio algum imprimir-lhe largas oscillações que o copo não cahirá desde que tenha havido todo o cuidado em preparar as coisas de modo que não seja possivel a entrada de qualquer bolha de ar. Toda a gente sabe, de resto, que, cobrindo a boca d'um copo cheio de agua, a trasbordar, com um bocado de papel consistente, se póde voltar o copo de fundo para o ar sem que a agua se entorne. O principio é o mesmo. A pressão atmospherica faz adherir fortemente o papel ou o cartão aos bordos do copo.

Metter um ovo n'uma garrafa

Demonstra-se que nem sempre é impossivel *metter o Rocio na Betesga*. Um ovo cosido ou crú entra inteiro, apesar do seu maior diametro, pelo gargalo d'uma garrafa e sem que ninguem o empurre. Por mais inacreditavel que isto pareça é uma verdade que qualquer poderá verificar sem muito trabalho pois que a experiencia é simplicissima.

Quem quizer servir-se de um ovo cosido deve tirar-lhe primeiro a casca; comtudo é de muito maior effeito e os circumstantes ficarão muito mais impressionados se se operar com um ovo crú e então deve-se amollecer-lhe préviamente a casca, pondo-o de môlho em vinagre.

Em qualquer dos casos, deita-se dentro d'uma garrafa de mesa um papel a arder e tapa-se hermeticamente o gargalo com o ovo. Passados alguns instantes ver-se-ha este alongar-se, escorregar pelo gargalo

abaixo e cahir no fundo da garrafa ao mesmo tempo que se produz uma pequena detonação determinada pela subita entrada do ar.

Tapa-se hermeticamente o gargalo com um ovo

Uma banana que se descasca por si mesma

Se o leitor, porém, quizer vêr uma expressão de incredulidade e espanto pintada no rosto de quantos o ouvirem, é annunciar-lhes que os vae fazer presenciar o facto estranho de uma banana se descascar por si mesma. A experiencia é muito simples e obedece ao mesmo principio da precedente.

Na casca d'uma banana bem madura dêem-se tres olpes longitudinaes, pouco mais ou menos a egual

distancia uns dos outros. N'uma garrafa ordinaria, d'estas de sete decilitros, por exemplo, deite-se um pouco de alcool e a seguir um phosphoro acceso

A banana a escorregar

Inflamado o alcool, tape-se hermeticamente o gargalo applicando-lhe uma das extremidades da banana. Passados poucos instantes, ver-se-ha o miôlo d'esta escorregar pelo gargalo abaixo, deixando a casca fóra da garrafa.

Dançarinos incansaveis

Eis uma experiencia d'um bellissimo effeito que póde observar-se por alguns dias. E' todavia necessario para que tenha o exito desejado tomar algumas precauções, tendentes a fazer desapparecer qualquer vestigio de gordura.

Na circumferencia d'uma rodella de rolha de cortiça enterrem-se em cruz duas agulhas de coser, as mais compridas que se encontrarem, de modo a ficar egual comprimento de agulha d'uma e outra parte da rodélla, e em cada uma das quatro pontas espeta-se um pequeno parallelipipedo rectangular de cortiça. Em uma das faces verticaes de cada um d'estes parallelipipedos, do mesmo lado, parallelo á agulha, colle-se uma pequena palheta de camphora. No centro da rodella plante-se uma agulha que segure um grupo de dançarinos recortado em papel. Feito isto, collo-

Dançarinos incançaveis

que-se este pequeno apparelho n'uma bacia com agua. Immediatamente começará a girar á superficie da agua, arrastando os dançarinos e este movimento póde prolongar-se por alguns dias.

Como acima dissémos, é preciso, para que este movimento se produza, que nem na superficie da agua nem no torniquete haja o menor vestigio de gordura. Para isso escalda-se bem a bacia, e antes de fabricar o apparelho deviamos lavar as mãos com um cuidado muito especial.

A camphora colla-se aos parallelipipedos de cortiça com lacre: deitam-se alguns pingos de lacre na face do parallelipipedo, amollece-se á luz d'uma véla e com uma pinça agarra-se a lamina de camphora e colla-se.

Se, porém, apezar de todas as precauções, o apparelho apparecer um pouco engordurado, lavando-o com ether ficará em estado de ser applicado.

— A caminho! gritou William; e metter esporas aos cavallos com toda a força. Poderemos ainda tomar-lhes a dianteira.

Enfrearam de prompto os cavallos, que se tinham desembaraçado dos freios afim de pascerem pela margem fóra, e Henrique, afivelando as correias com mão convulsa, não perdia de olho a marcha dos assaltantes.

— Bom, disse elle, os nossos escocezes tem ainda uma grande volta que dar. Naturalmente hão de parar para resar um padre-nosso diante da cruz que está no caminho. Magnifico! accrescentou jubiloso, o cachimbo apagou-se-lhes em quanto resavam, e agora estão parados a accendel-o.

N'isto os cavallos estavam embridados, e os dois desertores saltaram-lhes em cima.

— Não poupes a espora, meu Henrique, berrava William, e tu verás como dentro em pouco estamos longe.

— Menos essa! meus meninos, bradou um homem colossal, que lhes saiu ao encontro, e que com as nervudas mãos agarrou a rédea aos dois cavallos.

Era o pescador da barraca visinha, que inquieto por ver dois cavalleiros, mesmo de tão pouca edade, pararem defronte da janella da filha, se tinha escondido para escutar o que elles diziam.

— Nada de graças, insistiu elle. A modo que se escapulliram de casa sem se despedirem, e o melhor que eu posso fazer é ajudar aquelles bravos homens a tracafial-os para os levarem a seus paes.

A esta perlenda, os dois amigos blasfemaram, rangeram os dentes de raiva e atiraram fortes vargastadas a este pedagogo de aldeia, mas o peior foi que n'este entretanto os archeiros foram chegando.

E o pescador continuava a segural-os com força de Hercules e a gritar com a mesma pujança.

— Olá! meus tafues, entendiam que não havia mais nada senão disporem-se a correr mundo, e com o fim de vir espreitar raparigas e de aventar máos propositos a seu respeito!... para terem o descaro de dizerem que ellas não tem mais que fazer se não andarem a correr atraz de malandrinos como vocês! Nanja por aqui! não passam adiante; quem lh'o diz sou eu. Ahi vem os soldados que lhes vão fazer o catatao... E bem armados que elles veem. Hão de ir outra vez para a familia, que se não deixa assim, lá por sermos travessos! Pois que pensam!...

Os soldados haviam effectivamente descido a encosta, e tinham conhecido o conde Southampton. Largando a trote, lançaram-se-lhe adiante dos passos, e o intimaram, em nome do pae, para se entregar e seguil-os logo ao castello.

Dois rapazes de desesseis annos nada podiam de certo contra velhos soldados encouraçados de ferro; comtudo Henrique, furioso de se ver detido por gente da sua propria casa, pegou da espada n'uma mão e da adaga na outra, e apercebeu-se para a resistencia.

Os archeiros trataram de desarmar a seu joven

amo, sem desembainharem as espadas contra elle, e sem luctar corpo a corpo, para lhe não perder o respeito que lhe deviam, e com este intento se reuniram todos contra Henrique, afim de lhe arrancar a espada e o punhal de um modo estrategico.

Pelo seu lado, William não tinha com quem haver-se senão com o pescador. Na exaltação do exaspêro puxou de uma pistola e desfechou-lh'a na cabeça.

Mas nada de mais innocente do que a pistola de William! Em primeiro logar tinha-se esquecido de a carregar com bala, e depois, por ser a primeira vez que se servia de armas de fogo, a um camello que houvesse atirado, a esse mesmo teria errado.

Mas apesar d'isto, o pescador ficou atorduado do tiro, e em quanto limpava a cara e os olhos da polvora que lhe entrára na pelle, largou a redea ao cavallo de William, o que foi bastante para que este, livre, largasse a todo o galope.

Mas antes de partir, chegou-se ao ouvido do seu amigo, que os archeiros acabavam de desarmar, e disse-lhe:

— Adeus, Henrique: tu estás prisioneiro, e se eu ficar comtigo, perco-me sem te poder salvar. Ainda que voltes á casa paterna, has de ser menos infeliz que eu. Vou continuar só e tristemente a viagem, mas por qualquer parte onde me ache, pensarei em ti e estimarte-hei sempre.

Depois correu sobre a ponte do Saverne, e desappareceu ao longe.

O cavallo de William galgou os campos como impellido por uma força sobrenatural: as campinas, os rochedos, as aldeias desappareciam atraz d'elle com a rapidez do relampago.

Porém bem depressa já não eram campos ferteis, como aquelles percorridos com o seu amigo; os prados floridos, as moitas de rosas silvestres, os arroios prateados, os grupos de arvores fructiferas vestidas de efflorescências de lindas e vivas côres, tudo desappareceu.

William encontrava-se agora nas charnecas de urzes e estevaes, semeados aqui e alli de rochas sombrias, que os dois mancebos haviam avistado das alturas proximas á margem do Saverne.

O horisonte tornára-se taciturno, carregado, devastado, como a alma de William, já separado do seu companheiro e amigo unico, da sua unica ventura sobre a terra, e que se encontrava aos deseseis annos só, sem recursos n'uma terra desconhecida, não tendo do seu passado senão lembranças penosas, e diante d'elle mais do que projectos de que começára já a perceber a illusão!

Comtudo, este plaino, apesar de agreste e pedregoso, e cortado por uma fragosa estrada (em que escorregava a pata do cavallo, ainda assim foi dentro em pouco recordado com saudade por William, que se viu de repente entranhado na espessura da matta, e ahi se lhe tornou impossivel encontrar nenhuma habitação hospitaleira, nem mesmo qualquer ente vivo.

O bosque era formado de carvalhos e pinheiros

bravos, que entrelaçavam estreitamente seus braços de gigante.

No interior viam-se enormes troncos erguidos em todas as direcções, cruzando-se, e trepando uns sobre os outros, como o sombrio e immenso vigamento da vasta abobada de folhagem que elles supportavam. Em baixo, no terreno, onde os raios do sol não haviam jámais penetrado, distinguia-se unicamente os reptis arrastando-se sobre a relva humida.

William teve tentações de volver atraz, mas a espessura do arvoredo velava tudo após elle, e não poude enxergar o sitio por onde havia caminhado.

Um pequeno charco cortava a clareira, e o nosso viajante assentou-se por momentos na beira d'esta especie de tanque natural e poz-se a meditar, vieram-lhe á lembrança os malfeitores, homens ou animaes, que poderiam salteal-o, e começou de examinar minuciosamente tudo que o circumdava.

Sobre a terra barrenta que rodeava a reprêsa de agua, notou vestigios de pégadas; e examinando-os miudamente, conheceu que para serem de pata de animal silvestre eram em extremo grandes, e muito redondos e curvos para indicarem o pé de homem.

Estava elle n'estas conjecturas, quando um movimento muito vivo se manifestou á superficie da agua, o que era para maravilhar por que não corria a menor aragem: William assegurou-se de que effectivamente assim era, olhando para as ramadas

e vendo-as immoveis. Então o mancebo acercou-se da borda e examinou attentamente a lagoazita; as ondulações que a encrespavam e os circulos que ahi se descreviam, diminuiram pouco a pouco

Pareceu-lhe divisar lá no fundo

e cessaram completamente a ponto que a agua se tornou como um espelho.

William applicou-se então a mergulhar a vista bem pela agua, e pareceu-lhe divisar lá no fundo um corpo humano, a principio inerte e immovel, mas cujas ultimas convulsões haviam podido, se acabava de expirar, causar o redemoinho manifestado á superficie. Esta camada de agua, enegrecida

pela sombra das folhas escuras que a toldavam, e cortada unicamente por varias linhas brancas refrangidas pela luz, pareceu á imaginação contristada de William apresentar a apparencia de um lençol mortuario.

Elle deu de rédea ao cavallo e tomou pelo primeiro caminho que lhe appareceu, com a idéa unicamente de se arredar d'aquelle logar funesto.

Mas por muito tempo ainda a floresta se lhe apresentou cada vez mais inextricavel e sombria.

O pobre rapaz, viajante á tôa, afflicto pelos começos de um caminho tão semeado de tristes presagios, principiou a desesperar da sua triste situação.

Mas por fim, por cima da folhagem, entre alguns ramos que se entreabriam, descobriu fragmentos de muralhas, que se erguiam de certo sobre uma eminencia padrasta á floresta, e lhe revelavam habitações e a presença do homem. Acelerando o mais possivel o passo a seu cavallo, quebrado de fadiga, endereçou-se para este lado.

— Quem será, exclamou elle, este ente que semeia a morte por toda a parte por onde passa? Creará por ventura a natureza um monstro que possua a força do animal silvestre para destruir e a sagacidade do homem para occultar nas aguas e dentro das entranhas da terra o traço de seus crimes? E será o sôpro envenenado d'este ente hediondo que enfestará a floresta inteira e lhe dará este aspecto sinistro e desolador?

William abysmou-se de novo n'estas lugubres

sombras, mas de vez em quando ao cavallo crispavam-se-lhe os membros e soltava relinchos doloridos.

IV

Shakspère couteiro

Ao cabo de algum tempo, o cavalleiro chegou ao pé do sitio onde descobria muros hospitaleiros. Recobrou a sua antiga coragem. Apeou-se para dar descanço ao cavallo, que segurou pela rédea, e trepou a senda pedragosa com o passo agil da esperança.

Como no momento da separação dos dois fugitivos era Henrique que guardava os poucos haveres da communidade, William encontrou-se sem um scheling na algibeira; mas tencionava, mal chegasse a algum logar habitado, vender o cavallo, que aliás não era d'elle senão pelo direito de posse, e fazer d'isso um recurso, afim de dar tempo á providencia lhe proporcionar alguma fortuna.

Havia chegado emfim ao meio dos muros tão desejados. A altura dos carvalhos seculares que se viam a seus pés, e depois o escarpado da encosta, tinha-lhe vedado a vista até ao momento em que ahi chegára.

E era lá que o aguardava o mais acerbo desengano.

Desgraçado William! Essas construcções que pareciam prometter-lhe um favoravel abrigo, eram apenas os restos de uma aldêa incendiada, que

só apresentavam paredes vasias, sem tecto, incapazes de o livrarem até da chuva que começava a cair em torrentes.

Foi então que elle percebeu que estes restos eram as ruinas que tinham avistado, á esquerda da floresta, quando com Henrique interrogava com os olhos os sitios onde contavam penetrar ambos.

Aquelles pannos de muralhas enegrecidas e assimilhando-se a esqueletos, aquelles restos de moradas d'onde se retirára a vida, eram ainda mais tristes que o deserto das charnecas e as infinitas solidões da floresta.

Apesar do temor secreto que se experimentava em vista d'estes sitios, o nosso viajante foi obrigado a descer ao fundo do bosque, onde ao menos a espessa abobada o abrigava do furor da tempestade.

Chegado que foi á raiz do monte, o cavallo, a sua ultima riqueza, cahiu morto de fadiga.

William permaneceu immovel, um desespêro concentrado se apuderou d'elle, lagrimas geladas lhe inundaram as palpebras. Chegou a pensar em suicidar-se, sem esperar que o desamparo e a fome lhe trouxessem a morte com todas as suas torturas. E comtudo, no que não pensou foi em regressar a casa do mercador de lãs!

No momento em que, de braços cruzados, no seio da sombra espessa dos carvalhos, sua alma vergava debaixo de tanta angustia, ouviu uma ligeira rostilhada na folhagem, um movimento instinctivo o levou a occultar-se na selva.

Ao cabo de algum tempo viu apparecer uma figura humana e o seu coração opprimiu-se. Havia já bastantes horas que estava privado d'este agradavel aspecto do seu similhante ao qual parece que a nossa vida anda ligada.

Era uma rapariga que surdia

Era uma rapariga que surdia do escuro de uma vereda tenebrosa.

Caminhava com um passo grave e lento debaixo do diluvio de agua que chovia sobre ella.

Um vestido de lã escura cobria o seu corpo alto e esbelto; mas os seus bastos cabellos louros, que o vento desgrenhava e fazia fluctuar a seu

sabor em longos anneis por cima do corpete, davam realce e ao mesmo tempo ornato ao seu vestuario. A solemnidade do seu andar era ainda relevada pela extrema ligeireza. Dir-se-hia que roçava apenas a relva, e voltava a sua attenção toda para um objecto envolvido n'um panno roxo que segurava nos braços e olhava com respeito.

No alto da floresta ouviam-se os maiores troncos dos carvalhos rangerem e estalarem com o raio, e outros vergarem com as rajadas da chuva, que, em ravanadas, redemoinhavam por entre os ramos.

E em quanto este fragor da borrasca agitava toda a natureza fóra do arvoredo, no interior tudo era immovel, silencioso e lugubre, e a rapariga atravessava este silencio tenebroso, tranquilla e recolhida, com os olhos fitos no precioso fardo.

Diante de um carvalho, cujo tronco era ôcco, parou.

William ensinuou-se furtivamente após ella e a observou com a vista penetrante da curiosidade.

Desemmaranhou o pé da arvore das ortigas que o envolviam. depoz com todo o cuidado o objecto que levava na concavidade do tronco, cobriu-o novamente de erva e ramos seccos, para se não dar por nenhuma alteração, e em seguida retomou o mesmo passo lento e pacifico pelo antigo caminho.

N'esta floresta, onde a morte lhe tinha apparecido sob diversas formas, existia talvez, pensava William, alguma companhia de salteadores, a quem pertencia esta mulher, que de certo lhe ajudava a encobrir o fructo de suas rapinas ensanguentadas.

Esta atmosphera de crime, envolvendo uma creatura tão moça e bella, ainda lhe augmentava a singularidade do aspecto aos olhos do nosso viajante perdido. Com os indicios medonhos que a rodeavam e a serenidade que reinava em seu rosto, assumia o ar de uma filha do inferno, cumprindo o mal passivamente e em resultado de uma lei suprema.

Comtudo, por mais malfeitora e reprovada que elle a reputasse, o mancébo quiz seguil-a e caminhou cautellosamente sobre seus passos.

Viu-a entrar n'uma casa rustica, na baixa do outeiro, coberta de ramos, ao cabo da vereda da floresta.

Então William correu ao logar onde ella deixára o enbrulho, affastou o tojo, apoderou-se do objecto mettido no tronco da arvore, e desembrulhou com uma repugnancia inexplicavel a cobertura que julgava tinta de sangue. . . . Mas, de repente uma paz inexplicavel se lhe derramou no seio, porque a toalha aberta deixou-lhe vêr uma biblia, um crucifixo e um raminho de buxo apertado por uma fita rôxa.

Esta biblia era a dos puritanos perseguidos pelos ulteriores decretos da rainha, e este ramo o symbolo de que se serviam para se reconhecerem uns aos outros.

William conjecturou que talvez um d'estes sectarios, expulsos de cidade em cidade, se houvesse refugiado na casa escuza que descobrira, e occultasse o distinctivo da sua fé no seio da floresta.

Logo na primeira pagina do livro sancto leu

um nome bem conhecido entre os puritanos que se haviam singularisado nas discordias da egreja.

Assim que a donzella perdeu no seu conceito o caracter sinistro de que as prevenções a tinham revestido a principio, afigurou-se-lhe encantadora com as suas feições de innocencia e sanctidade, e ardia em desejo por tornar a vel-a.

Depois de tornar a pôr a biblia no seu sanctuario, cortou com o punhal um ramo de buxo, ligou-o com um fitilho roxo tirado do seu gibão, e correu á casinha isolada, seguro de que lh'a abririam á vista d'este signal de fraternidade.

Começava a anoitecer.

A porta da casa estava apenas cerrada.

William penetrou até uma sala baixa que formava todo o andar térreo, e parou no limiar.

Uma lampada de ferro suspensa do fôrro, dispersia a claridade n'este espaço pobre e nu.

N'uma poltrona de espaldar de couro, via-se um velho de elevada estatura, mas pallido, com a vista baixa e recolhida. Tinha a cabeça deitada para traz, e o braço direito pendia-lhe ao longo da cadeira do lado onde estava uma espingarda deitada por terra, e a mão parecia ainda estendida para a arma jacente no pavimento.

A donzella da floresta, de pé atraz d'elle, rodeava-lhe o pescoço com um de seus braços e com a outra mão chegavalhe á boca um copo de vinho quente.

Um grande cão assentado diante de seu dono, olhava com o mesmo olhar de ternura e de pesar o ancião desfallecido e a clavina tombada.

A um ligeiro ruido que soltou a porta, os habitantes da cabana ergueram os olhos.

William constrangido a mostrar-se, adiantou-se intimidade e tremulo.

— Sir Attaway, lhe disse elle, permitis a um pobre moço apoquentado de fadiga e ensopado pela tempestade, que repouse um instante debaixo do vosso tecto?

Ao ouvir pronunciar o seu nome, o velho ergueu a cabeça, e os olhos amortecidos, encontraram o fogo do raio fulminando o desconhecido, e disse-lhe:

— Quem sois vós, que ousaes ainda lembrar-vos do meu nome?

E moveu-se para agarrar a espingarda, mas a muita mocidade de William, que acabava de encarar, tranquillisou-o, e contentou-se com interrogal-o de novo com o olhar e a expressão severa do seu semblante

— Isto vos responderá por mim, disse o mancebo, tirando debaixo do manto o ramo symbolico.

— Um irmão! exclamou Attaway, e o seu rosto espaireceu como se o roçasse um raio de sol. Oh! vinde, vinde, e sede bem vindo pela doçura que trazeis á minha alma por poder repousar meus olhos, antes de morrer, ainda uma vez sobre um filho do verdadeiro Deus.

Depois voltando-se para a formosa donzella:

— Anna, ajuntou, accende depressa o lume e prepara tudo o que ha em casa para a ceia do nosso hspede.

William abaixou a cabeça, humilhado até ao fundo da alma pela mentira com que usurpára esta hospitalidade; mas depois que viu a filha de Attaway, sentira um desejo ainda mais ardente de permanecer na mesma habitação que ella habitava.

— Perdoae-me, disse o solitario, estendendo-lhe a mão; perdoae-me a dureza do meu acolhimento. Mas é que, para o pobre Attaway, perseguido, proscripto, condemnado á morte, ser nomeado cara a cara por um estranho é ser enforcado.

O vinho quente, e sobretudo a vista do ramo de união d'aquelle arbusto abençoado dos puritanos, que crescia sempre verde nas ruinas do seu altar, reanimára o velho, e foi com extrema satisfação que elle se assentou á mesa, junto do seu hospede e bebeu com elle.

William conhecia de sobejo a seita puritana, sendo-lhe por isso facil fallar em tudo que respeitava a esses ferozes sectarios de Luctero, que não encontrando a reforma adoptada pelo governo bem rigorosa, sustentavam uma doutrina mais austera com detrimento de sua propria existencia. Além de que, Attaway, julgando sinceramente fallar a um de seus irmãos, abriu-se inteiramente com elle.

— Haveis de saber, lhe disse elle, que eu sou irmão do mais santo dos martyres que pereceu na perseguição. Izabel, rainha de Inglaterra, segundo as leis do inferno, ordenou que os ministros protestantes conservassem os paramentos sacerdotaes

consagrados pela superstição romana, e o demonio do luxo e do orgulho veiu depois cobrir de ouro e de pedrarias o padre junto do altar. O santo bispo Attaway, no proprio templo, diante da côrte reunida rasgou e pisou aos pés essas insignias malditas que o tinham violentado a vestir, e de lá saiu para o supplicio. Depois da sua morte, eu e meus irmãos, retiramo-nos para uma aldeia construida por nossas proprias mãos sobre a encosta de Saint-Magloire, que se avista d'esta janela. As tropas reaes não poderam por muito tempo supportar a nossa presença, e vieram cercar o nosso retiro. A resistencia era impossivel, e por isso lançamos fogo ás nossas habitações, afim de repulsarmos assim com torrentes de chammas a nossos agressores. A maior parte dos nossos succumbiram n'este desastre, e alguns foram para terra estranha. Eu fiquei aqui, n'esta cabana, escondido entre a espessura da floresta, onde vivo ha dez annos.

— Mas como tendes podido subsistir tão largo tempo n'estas brenhas? perguntou William.

Attaway indicou o retrato de Luthero e a espingarda deitada.

— Aquelle que revelou aos homens a sua grandeza e liberdade me ensinou tambem a viver n'uma floresta solitaria mais depressa do que no meio dos covardes e dos impios, e esta arma tem-me prestado os meios. Eu caçava n'estes bosques, e minha filha ia vender a caça ao mercado mais visinho, e trazia de lá o que nos era mister á nossa subsistencia. Durante dez annos o producto

da caça foi copioso: os reconditos d'esta selva abundam em animaes, e eu era quasi o unico a aproveital-os, porque vagos terrores arredam d'aqui os habitantes dos arredores, que reputam estes sitios infestados por um espirito malfazejo.

Então Willliam lembrou-se do que vira ao atravessar aquelles logares, e sentiu-se antes com disposições para quinhoar a superstição dos montanhezes do condado, que a opinião rasoavel do velho.

— Porém, um momento mais terrivel para mim do que todas as agonias porque tenho passado, sobreveiu agora, ajuntou o solitario. A velhice tira-me o meu ultimo recurso. Desde muito tempo que eu sinto as forças affrouxarem-me, mas agora deixaram-me completamente. Hoje, depois de ter caminhado algumas leguas pela floresta, foi-me impossivel perseguir um veado, que vi a pequena distancia, e tive de voltar sem nada trazer. A minha derradeira caçada terminou, e já não terei outra existencia!... Ah! esta sentença de morte é de certo mais cruel que a primeira, por que tambem fere minha filha.

O coração do generoso mancebo inflamou-se de uma ardente piedade, de uma necessidade invencivel de soccorrer tanta grandeza cahida em tamanha miseria.

— Não ha pois mais esperança para vós? interrogou elle.

— Bem o vêdes, respondeu o velho puritano, mostrando a clavina deitada no chão, a espingarda do velho couteiro cahiu-lhe da mão.

— E, se eu a erguesse? eu? exclamou William como fallando á sua propria conveniencia, e alevantando para o céu um olhar inspirado! Se eu prestasse as minhas forças a este velho, que já as não tem para manter sua filha?! Se eu fosse em seu logar procurar os meios que encerra esta floresta para trazer a abundancia á sua morada?!

— Encontrarieis no regresso um abrigo e um pae, respondeu Attaway.

— Pois acceito esse encargo, e de ámanhã em diante, a vossa antiga tarefa será a minha.

— O céu vos proteja, mancebo. Deus trabalha com aquelle que trabalha para outro.

Este impulso do coração, esta offerta inspirada por uma compaixão generosa, foi para logo um pacto combinado.

Muitos puritanos tinham perecido nas dissensões religiosas, e por isso Attaway não duvidou de vêr em William um orphão de um d'esses martyres da sua fé, e quasi lhe não fez perguntas a respeito de sua familia.

Combinaram em que o moço forasteiro ficaria na choupana do couteiro, e continuaria a sua selvagem profissão.

O moço e o velho, ambos refugidos para esta solidão por tão differentes perseguições, agora se iam ambos soccorrer mutuamente, um podia conceder um asylo, e o outro as forças do corpo que ganham o pão quotidiano, e os dois a affeição que consola.

Um inconveniente se apresentava todavia, que

poderia suscitar obstaculos assás graves, e era que William não sabia atirar, e sentia-se completamente incapaz de acertar um estorninho que fosse.

— Não vos enbarace isso, acudiu o velho couteiro: minha filha é mestra em caçar, tão dextra como valorosa, é capaz de matar uma borboleta a voar, e um gamo no seu antro. Aprendereis com ella

— Oh! então, exclamou William, marcharei ousadamente á guerra dos veados e dos gamos, e estou certo que em breve ganharei as esporas de cavalleiro.

— Deixar-vos-hei sós nos bosques, meus filhos, como vos deixarei dentro em pouco tambem sós no mundo, accrescentou o velho com uma expressão de severidade melancolica; mas estou bem tranquillo, porque trazeis ambos o signal da verdadeira fé, e sei que, quando parecerdes sós, Deus será comvosco.

William corou vivamente e abaixou os olhos; mas já não era tempo de declarar a verdade. A propria caridade lhe fazia n'esta conjunctura um dever de deixar o puritano no seu erro.

William passou uma noite socegada n'aquella casinha habitada pela piedade, e guardada pelos immensos carvalhos que a abraçavam com suas ramadas.

No dia seguinte partiu ao amanhecer com Anna, para ir no interior da floresta aprender com uma loura e insinuante donzella a rude tarefa de caçador

V

Anna

Todos os primeiros tempos que Shakspère passou na residencia de sir Attaway foram simihantes.

Antes do sol nado, Willam e Anna se iam á floresta de Worcester, e ahi marchavam acceleradamente. As trepadeiras enroscadas ao longo das grandes arvores, enleavam-lhes ás vezes o corpo ligeiro e flexivel, e o ar fresco da madrugada rociava as madeixas dos seus bellos cabellos.

A donzella ensinava ao caçador noviço de que lado era necessario caminhar para colher a caça a favor do vento, e o cão, na sua postura arrogante, advertia-os de que os gamos iam desalapar.

Então Anna passava o braço esquerdo em volta do corpo de William, collocava a mão do seu discipulo sobre os feixos da espingarda, e o coração dos dois batia ao mesmo tempo, e quasi sempre viam cahir uma magnifica peça de caça, que corriam a erguer ambos, saltando de alegria.

Comtudo, o amor não entrava ainda n'isto.

Anna tinha quatro annos mais que William, era mais encorpada que elle, e só o considerava como um bello rapaz.

Além de que, retirada desde dez annos, isto é, desde metade da sua idade, n'uma solidão silvestre, não vira o amor senão na *Biblia*, debaixo das

palmeiras da Terra Santa, onde se apresenta unido ao casamento, e ignorava que podesse existir fóra d'estes laços, era virgem de pensamento como de coração.

Quanto a William, cujo entendimento estava desenvolvido e os sentimentos exaltados, esse só considerava na gentil habitante da floresta um dos mais simples productos da natureza; um ser desabrochado pelo calor e pelo orvalho, como os arbustos que a rodeavam; uma planta animada de um raio de vida em vez de um raio de sol. A seus olhos não fazia senão completar as harmonias da paizagem, amava-a como um formoso alvorecer do dia, como um lago limpido, como uma andorinha fendendo os ares.

Mas o amor, como Deus, subsiste por toda a parte, e até mesmo onde se não mostra visivelmente, existe ainda alguma parcella do seu influxo vivificante. Aqui era o attractivo invencivel que chamava um para o outro dois entes no despontar da existencia, bellos e separados do mundo; e esta fracção dispersa do amor bastava para enflorar de novos encantos as relações que uniam os dois filhos da solidão.

A florea estação fizera perder em parte á floresta de Worcester o aspecto tenebroso e lugubre que William encontrara ao atravessal-a pela primeira vez. Aquellas profundidades haviam-se tornado tépidas, e atapetadas de verdura mais virente e de relva florida.

Parecia que a agradavel presença de Anna ha-

via affastado o máo genio d'aquellas selvas, pelo menos William já não encontrava sobre o chão os traços de pé do monstro, e os indicios de morte que o tinham impressionado tão vivamente logo que ali penetrára.

O joven caçador fazia estiradas longiquas n'esta vasta solidão, ora com Anna, que figurava como rainha d'estes logares e os percorria como seus estados, ora só, quando á donzella prendiam os cuidados domesticos; e então punha elle uma perseverança infatigavel na realisação da sua tarefa, ennobrecida pelo intento beneficente que a determinára. Empenhava-se n'estes combates obscuros, occultos pela abobada d'aquelles arvoredos, com um ardor cavalheiresco, e tinha em ponto de honra voltar sempre a casa com um cabrito montez ás costas e a bolsa replecta de perdizes e faizões.

Comtudo, quando havia quasi concluido a sua tarefa, assentava-se debaixo da primeira arvore e, escrevendo rapidamente, dava fórma e rima aos poeticos devaneios que não cessavam de lhe fluctuar na mente. Foi n'esta epocha que compoz o *Peregrino apaixonado.* [1]

O seu genio exhalava então os vagos preludios

---

[1] *Passionale pelgrine.* Os escriptores contemporaneos de Shakspere, que deixaram notas ácerca da vida do poeta, affirmam que o livro de *Peregrino apaixonado*, que appareceu pouco mais ou menos pela chegada do auctor a Londres, fôra escripto nos primeiros annos da sua mocidade, e quando elle exercia a profissão de couteiro.

Modas

O calor excessivo que se tem feito sentir nos ultimos dias confirma absolutamente o triumpho completo que predissemos aos variadissimos tecidos transparentes e de algodão, que a moda decreta para o verão que vae principiar.

D'entre elles destacaremos as *batistes* arrendadas e os *linons*, todos bordados em relevo, com desenhos mimosos ou com motivos bordados.

Toilette de manhã — *Camisete de flanella branca com peitilho em forma de estola. Botões de madreperola. Collarinho de algodão, gravata e cinto com fivella.*

Para enfeite usam-se entremeios e principalmente rendas valencianas, que tornam o conjuncto ainda mais vaporoso. Os encaixes de *guipure* veem-se actualmente mais do que nunca; não se empregam, porem, como até aqui, mas sobre fundo de rêde, o que produz muito melhor effeito. Os entremeios de *cluny* são tambem guarnições muito chics e muito modernas.

Nos vestidos de genero *tailleur*, em *linon*, assentam muito bem os enfeites de fazenda da mesma qualidade, mas mais encorpada, e bem assim os de *picquet* em branco cru, *gris* claro, azul claro ou verde pallido.

As barras em côres de destaque, por exemplo, ouro e amarello claro, *gris* claro e azul claro, com os bordados de *soutache* são bastante originaes.

A confecção d'estes costumes deve ser bastante

Toilette em gaze de seda ás riscas brancas e pretas. Saia franzida enfeitada com tiras de veludo preto e motivos de passementerie. Corpo com encaixe em guipure branca tendo em volta enfeites similhantes aos da saia. Mangas em renda branca com hombreiras de guipure preta.

simples: a saia em pregas muito juntas, que vão alargando gradualmente para a frente; a *blouse* que se usa por baixo da jaqueta pode ser branca, da côr do vestido ou ainda da côr das tiras que formam a guarnição, o que offerece maior novidade.

Estas *toilettes*, elegantissimas para passeio de manhã, completam-se admiravelmente com um cinto de couro e com um collarinho de algodão, branco ou riscado, não esquecendo o *jabot* de renda ou a gravata em plissados miudos, ornada de rendas finas.

Para os vestidos *habillés* teem preferencia os de genero japonez, convergindo todas as attenções para as mangas e para o peitilho, que são principalmente chics em *tulle* rêde bordado, ou ainda em entremeios *cluny* e plissados.

Elegante blouse em crepe da China ricamente guarnecida com entremeios de guipure. Mangas e encaixe em galão de valencianas, com botões e pattes em setim.

As saias requerem poucas guarnições, a não ser barras de sêda á *pompadour*, de taffetá e raras vezes de panno. Para os tecidos mais ligeiros, como *voile*, *tulle*, cassa *pompadour*, gaze de seda, etc., as barras são da mesma qualidade, devendo cortar-se ao viez, se as fazendas são riscadas ou aos quadrados.

Os vestidos transparentes sobre fundos de côr apresentam agora um aspecto inteiramente novo. Uma *toilette* em *mousseline* de seda preta com entremeios de *guipure*, sobre fundo de seda *liberty* ás riscas brancas e rosa, com barra de velludo preto e viez *liberty* rosa, as mangas e o peitîlho em caprichosos folhos de rendas brancas, é, sem contestação, a ultima palavra da moda, no genero. Não menos elegantes ficarão os vestidos em *tulle pailleté* preto sobre double fundo de *mouseline* de seda azul e taffetá branco, ou em gaze de seda creme, forrada de seda clara com flôres.

Com combinações similhantes se podem obter effeitos de todo novos e extremamente elegantes.

A-b-c-Valse.

A. Giuliani.

Ped.
f
mf

COSMOS

O.J. 8057

ALMOÇOS das 9 á 1 hora da tarde
JANTARES das 5 ás 8 horas da noite
LISBOA
Francfort Hotel
ROCIO, 113
Serviço á franceza
SERVIDO EM MEZAS PEQUENAS

Era bem de vêr; afinal os espectaculos das companhias de verão teem sido intermittentes. Aos sabbados e domingos o cartaz da Trindade annuncia a *Rosa engeitada*, o da Rua dos Condes *O Solar dos Barrigas*... E logo na 2.ª feira os jornaes nos dizem «que pela necessidade de adeantar os ensaios de outras peças» esses theatros teem de interromper a gloriosa carreira d'aquellas, apezar do prestigio de Adelina Ruas e de Mercedes Blasco. Comprehende-se.

Assim, estamos á espera que se concluam os ensaios dos *Fidalgos da casa mourisca* na Trindade, e da parodia ao *Hamlet* na Rua dos Condes, para termos duas peças de resistencia, segundo as esperanças dos respectivos emprezarios, que oxalá não venham a transformar-se em desillusões.

A companhia Scognamiglio, no Colyseu dos Recreios, não foi feliz com a *Mascotte* nem com a *Filha da Sr.ª Angot*. A pastora da *Mascotte* foi Linda Morosini, que da personagem só tem o physico; a filha

adoptiva dos vendedores do mercado de Paris foi a actriz Fontana, que para as exigencias do papel tem a voz apenas. Além d'isso os comicos d'esta companhia peccam, suppomos, por um exaggero que não se justifica; para elles o comico é o burlesco, o que nem sempre é verdade, e falseia muitas vezes a intenção do auctor. Imagine-se que na *Filha da Sr.ª Angot* um dos artistas apresentou-se caracterisado com um nariz transparente, dentro do qual, em occasiões de colera, illuminava uma lampada electrica! Felizmente para elle, comprehendeu, ao segundo ataque de colera, que a platéa dispensava de bom grado o effeito luminoso; se continúa é muito provavel que o nariz não voltasse inteiro á caixa do adderecista.

Em compensação as operettas de Jones Sydney obtiveram grande exito; já a *Gueicha* agradára sem restricções; e o mesmo aconteceu á *San-Toy*, cuja graciosa acção se passa na China e cujas personagens principaes, entregues a Fontana, Dina Suzana, Bertini e Rota, foram interpretadas de modo a absolver a companhia dos peccados anteriores. Emfim, esta companhia lá tem conseguido que os seus espectaculos não sejam intermittentes, para o que poderosamente contribuem as boas condições de amplidão da sala, compensando as pessimas condições acusticas.

Parece que appareceu, finalmente, quem comprehendesse que os espectaculos de verão necessitam de installação apropriada. Annuncia-se para breve, na rua da Palma, a inauguração do *Paraizo de Lisboa* com dois theatrinhos, platéas ao ar livre, diversões variadas, lagos, cascatas illuminadas, etc., etc. No es-

trangeiro foram contractadas pelo scenographo Augusto Pina bailarinas, cançonettistas, elementos curiosos para este genero, prevendo-se um *successo* — como se diz, á franceza — á nova empreza, o qual, pela nossa parte, confirmamos, se não nos quizerem impingir gato por lebre — como se diz, á portugueza.

Muitos dos primeiros artistas lisboetas andam pela provincia, dispersos em pequenos grupos de exploração dramatica, e ali, dizem-nos, estão representando com mil cuidados, porque a provincia, n'estes ultimos tempos, está desconfiadissima. Imagina que cortam scenas das peças, que mudam de adereços, que *fazem pouco* das suas modestas platéas, o que é injusto. No anno passado ouvimos n'uma cidade da Extremadura certa operetta cantada por uma excellente companhia de Lisboa, sem que nada faltasse á obra; pois na sala assegurava-se que uma das actrizes estava cantando, por desprezo, a meia voz. Se ella não tinha mais, coitada!

Recommendamos, pois, cautela, ao grupo de que são primeiras figuras Barbara e Cardoso, do Gymnasio, e que a estas horas está representando em Torres Novas, d'onde segue para a Guarda; e se ao grupo Maria Pia, que em fim do mez, parte para a provincia, não dizemos que ponha as barbas de molho, é porque aquella decorativa artista as não tem, graças a Deus.

*
* *

Vimos na licção anterior que o artigo definido tem em italiano uma só forma feminina *la* e duas formas masculinas *il* e *lo*, a segunda das quaes se emprega antes das palavras que começam por vogal, por *z*, ou por duas consoantes, e a primeira nos outros casos. Vimos ainda que as vogaes de *lo* e *la* são substituidas por uma apostrophe antes das palavras que começam por vogal.

Vamos agora referir quaes as combinações e contracções que o artigo faz com varias preposições como *a, di, da, con, in* e *su*. São as seguintes: *al, allo, alla*, ao, á, *(a* e *il, lo, la); del, dello, della*, do, da, *(di* e *il, lo, la); dal, dallo, dalla,* do, da, pelo, pela, em casa do, em casa da, *(da* e il, lo, la); *col, collo, colla*, com o, com a, *(con* e *il, lo la); nel, nello, nella*, no, na, em o, em a, *(in* e *il, lo, la); sul, sullo, sulla*, sobre o, sobre a, *(su* e *il, lo, la)*. Estas combinações de varias preposições com as fórmas *il*, *lo* e *la* do artigo, usam-se respectivamente nas mesmas condições que acima deixamos referidas para estas fórmas. As ultimas vogaes de *allo*, *alla*, *dello*, *della*, etc. tambem são substituidas por uma apostrophe antes das palavras que começam por vogal, ficando all', dell', dall' coll', nell', sull'.

EXERCICIO — VOCABULARIO

Italiano	Traducção	Pronuncia
Al cane	Ao cão	Ale cánê
Allo specchio	Ao espelho	Allô spékiô

Alla sorella	A' irmã	Allâ soréllâ
Del padre	Do pae	Déle padre
Dello stomaco	Do estomago	Déllô stómâcô
Della figlia	Da filha	Déllâ filhiâ
Dal cugino	Em casa do primo	Dále cudgínô
Dallo zio	Em casa do tio	Dállô tsiô
Dalla madre	Em casa da mãe	Dállâ madre
Col guanto	Com a luva	Cóle guánetô
Collo zucchero	Com o assucar	Cóllô tsúkêrô
Colla camicia	Com a camisa	Cóllâ câmítxiâ
Nel giardino	No jardim	Néle djârdínô
Nell' estero	No estrangeiro	Néll' éstêrô
Nella staffa	No estribo	Néllâ stáffâ
Sul ceppo	Sobre o cêpo	Súle txéppô
Sull' asino	Sobre o burro	Sull'ázinô
Sulla tavola	Sobre a mesa	Súllâ távôlâ

Algumas vezes usa-se tambem a contracção da preposição *per* e o artigo; *pel*, *pello*, *pella*, para o, para a; é todavia muito menos frequente que o das contracções das outras proposições.

Em geral o plural em italiano forma-se mudando, nas palavras que no singular terminam em *o*, o *o* por *i* e, nas que terminam em *a*, o *a* em *e*. Soffre esta regra variadas excepções. Por emquanto, porém, só trataremos do plural do artigo.

Il faz no plural *i; lo* faz *gli; la* faz *le*. Do mesmo modo se forma o plural das contracções do artigo com as preposições: *Al*, *allo*, *alla*, faz no plural *ai*, *gli*, *alle; del, dello, della* faz *déi, degli, delle; dala*

dallo, dalla, faz *dái; dagli, dalle; col, collo, colla* faz *cói, cogli, colle; nel, nello, nella* faz *néi, negli, nelle; sul, sullo, sulla* faz *súi, sugli, sulle.*

Exercicio — Vocabulario

Italiano	Traducção	Pronuncia
I francobolli	As estampilhas	I franccôbóllí
I fazzoletti	Os lenços	I fàtsôlétti
Le tele	Os pannos	Lé télê
Le porte	As portas	Lé pórtê
Le scarpe	Os sapatos	Lé scárpê
I pantaloni	As calças	I pànetâlóni
Gli uccelli	Os passaros	Hli utxélli
Gli ostacoli	Os obstaculos	Hli ôstácôli
Cói manichini	Com os punhos	Cóï mânikíni
Nelle mutande	Nas seroulas	Néllê mutánedê
Delle calze	Das meias	Déllê cáletsê
Sugli abiti	Sobre os casacos	Súlhi ábiti
Nei calzoni	Nos calções	Néi câletsóni
Dai sarti	Pelos alfaiates	Dái sárti
Cói calzolaii	Com os sapateiros	Cói câletsôláii
Sui montoni	Sobre os carneiros	Súi mònetóni
Dei beccaii	Dos carniceiros	Déi bêccáii

O leitor deve insistir muito particularmento na repetição dos artigos e suas contracções com as preposições, escrevendo-os muitas vezes, afim de aprender

bem o emprego de cada uma das formas. E' uma das coisas que a nós faz mais confusão no italiano e todavia é muito simples.

A lingua italiana tem uma grande analogia com a portugueza. Muitas palavras ha que por uma simples mudança de terminação se transformam d'uma na outra lingua. N'este caso estão as palavras que em portuguez terminam em *dade* que para as traduzir em italiano basta substituir esta terminação *dade* em *tà*. Assim por exemplo:

Italiano	Traducção	Pronuncia
Paternità	Paternidade	Pâternità
Proprietà	Propriedade	Prôpriêtà
Necessità	Necessidade	Nêtxêssità
Società	Sociedade	Sôtxiêtà
Tacituranità	Taciturnidade	Tâtxiturnità
Magnanimità	Magnanimidade	Mânhânimità
Ingenuità	Ingenuidade	Indjênuità
Generosità	Generosidade	Djênêrôzità
Malignità	Malignidade	Mâlinhità

Etc., etc., etc.

E as palavras que em portuguez terminam em *ção* transformam-se em italiano mudando esta terminação em *zione* que se pronuncia *tsiónê*. Exemplos:

Italiano	Traducção	Pronuncia
Complicazione	Complicação	Cômplicâtsiónê
Calcinazione	Calcinação	Câletxinâtsiónê
Clarificazione	Clarificação	Clârificâtsiónê
Indignazione	Indignação	Inedinhâtsiónê

Arte culinaria

O jantar na Senhora da Rocha

—Bem, está decidido, um passeio e jantar no campo, Eu vou já escolher o sitio e encommendar o jantar. Acaba por uma vez com esse espirito de contradicção. Não queiras perturbar a minha mais que justificada alegria de que afinal deverias ser a primeira a partilhar, porque o beneficio é para nós ambos e para nossa filha. Olha, vou até convidar alguns amigos.

—Faze como entenderes, nada posso contra a tua teimosia.

—Teimoso, eu ? ! Bah !

Assim terminou Antonio Fernandes uma discussão com sua esposa, espirito de contradição incorregivel. Como tivesse sido promovido a 1.º official, desejava festejar esse feliz acontecimento com um passeio e uma jantarada no campo, mas D. Elisa, sua mulher, tendo por habito contrariar tudo e todos e ainda por cima alcunhar de teimosa toda a gente que não fosse da sua opinião, tentou oppôr ao projecto d seu marido mil e uma objecções, cada qual a mais futil. No fundo não lhe desagradava a passeata e o

jantar, mas... se ella nunca déra razão a ninguem?... Não podia concordar, lá isso é que nunca.

Quem rejubilava era sua filha D. Beatriz, tanto mais que seu pae dissera que convidaria alguns amigos e não deixaria por certo de incluir n'esse numero o dr. Gavião com quem ella, ha alguns mezes. mantinha uma correspondencia aturada.

Antonio Fernandes sahiu a encommendar o jantar e no dia seguinte partiram todos para um dos mais aprazíveis sitios nos arredores de Lisboa, tendo D. Beatriz a satisfação de ver realizadas as suas conjecturas. O dr. Gavião era tambem da companhia. A D. Elisa porém não os deixou um momento sósinhos e os dois namorados ardiam em ancias de confessarem pela millesima vez o seu amor.

Chegou a hora do jantar, a anciada hora, porque, emfim, o campo é na realidade muito bonito, mas ao cabo de uma ou duas horas de passeio o bocejo é inevitavel.

Sentados todos na relva, sob uma arvore copada e frondosa, D. Elisa que ha muito tempo não dizia palavra, exigiu que seu marido lhe dissesse, antes de se tirarem as iguarias dos cabazes, todo o menú. Queria saber o que ia comer, queria vêr até onde chegava o bom gosto do seu queridinho, do seu maridinho. Antonio Fernandes, vexado com esta pequenina expansão de amor tardio que tinha feito sorrir alguns dos convidados, não teve outro remedio senão desfiar o menú e começou a enumerar:

Sopa de cevadinha em caldo de carne,

Filetes de linguado com molho d'ostras
Rins de carneiro salteados
Mayonaise de lagosta
Perú assado
Pudim de laranja—Fructas—Vinhos brancos e tintos

E mal elle acabou, rebentou D. Elisa n'uma tempestade de exclamações de censura, mas seu marido, pouco disposto a dar-se em espectaculo aos convidados não respondeu coisa alguma. D. Elisa furiosa pelo obstinado silencio de seu marido, cada vez gritava mais contra a pessima escolha dos acepipes.

O dr. Gavião e D. Beatriz aproveitavam os minutos em que D. Elisa se entregava á exaltação para se dizerem muitas coisas ternas.

—E' preciso enfurecel-a para podermos conversar, observou o dr. Gavião á sua amada que fez um pequéno gesto indefinido para não assentir claramente.

Entretanto as iguarias iam sendo tiradas dos cabazes e servia-se a sopa. D. Elisa não largava da sua.

—E' impossivel que esta sopa esteja boa, dizia ella, deve estar uma real porcaria.

—Eu não a acho nada má, acho-a atè excellente. Não é da minha opinião, amigo Fernandes, perguntou o dr. Gavião para os metter á bulha.

—Está magnifica, respondeu o Fernandes.

—Magnifica?! retorquiu com furor D. Elisa. Saiba...

—Elles ahi estão pegados, disse o dr. Gavião a

D. Beatriz. Posso dizer-te mais uma vez que te amo, sem que ella nos ouça, minha linda Beatriz. Quando casarmos, havemos de ir para bem longe da tua mamã, não te parece?

—Ella tem aquelle genio, mas é muito boa para mim, replicou D. Beatriz.

—Saiba, continuava D. Elisa, que para esta sopa ser boa é preciso pôr a cevadinha de môlho com meio dia de antecedencia, depois branqueal-a e só depois d'isso é que se põe a coser no caldo. Ora tu só hontem á tarde encommendaste o jantar e foste logo escolher uma sopa para fazer a qual não havia já tempo.

—Oh, mulher, então desde hontem á tarde até agora, não vão pouco mais ou menos 24 horas? Como não havia então tempo de fazer uma sopa de cevadinha? respondeu o Fernandes um pouco fóra de si.

Mas, como n'este momento, servissem o linguado, D. Elisa atacou furiosamente a escolha d'este prato.

—E depois filetes de linguado com molho d'ôstras...

—Adoro-te, Beatriz, dizia o dr. Gavião. Ainda bem que tua mamã ..

—Que diz, dr? perguntou D. Elisa com espanto.

— Que V. Ex.ª tem muita razão...

—Ora, ainda bem que alguem me dá razão. O linguado ainda eu o toléro...

—Ouves, Beatriz? O meu amor .. dizia o Gavião.

— Gósta de linguado, dr.? perguntou bruscamente D. Elisa,

Como se passa melhor o tempo!...

—Oh... senhora minha. Muito, muito, respondeu elle, voltando-se para D. Beatriz, como que a pedir-lhe tambem a sua opinião.

— Esse ainda eu toléro, continuou D. Elisa, mas o môlho de ostras... E voltando-se para o marido: Devias ter escolhido o môlho branco com um pouco de manteiga de camarão. O molho de ostras é uma porcaria. E' preciso coser as ostras em caldo de peixe e depois juntar-lhes a agua das proprias ostras, coada, manteiga, pimenta e noz moscada e deitar-lhes, emquanto fervem, farinha desfeita n'uma porção do caldo, frio, para dar corpo ao môlho Pouco antes de servir-se, nota bem, deitam-se-lhes gemmas d'ovos batidos, misturam-se e leva-se tudo ao lume para coser as gemmas, mas sem deixar ferver. Depois deita-se-lhe summo de limão.

— Não vejo onde esteja a porcaria, observou o Fernandes.

— Mas então, homem, não te fiz notar que as gemmas de ovos se deitam pouco antes de servir o môlho? Ora como viemos para o campo, o môlho está feito ha muitas horas e não presta. Devias ter pensado n'isso e não escolher o môlho de ostras.

— Mas tu vaes comendo bem, obtemperou o marido. E voltando-se para o creado, disse: «Olha, traze o perú que o tempo está a entroviscar-se e não quero que estes senhores deixem de o provar.

Os convidados que riam á socapa da fúria de D. Elisa olharam para o céo e ficaram transidos com a perspectiva d'uma forte trovoada que se desenhava a sudoeste. Atiraram-se todos ao perú que declara-

ram excellente, ficando apenas D. Elisa silenciosa para se não vêr obrigada a concordar.

A chuva porem, surprehendeu-os em meio, cahindo em grossas gottas mornas. A debandada foi geral. O dr. Gavião aproveitou a circumstancia para se abrigar com D. Beatriz n'uma casinha proxima e fallaram finalmente um pouco á vontade. D. Elisa, agarrando o braço d'um dos convidados, dirigiu-se para uma outra casa proxima e o Fernandes embrenhou-se n'um bosque que ficava perto com outro convidado que lhe perguntou:

— Então, estás contente?

— Esta tarde fez-me lamentar muitas vezes a minha promoção: Se não fôra ella, não teria a maldita ideia d'este jantar e...

— E não engulirias a pé quedo tantas receitas culinarias, percebo, concluiu o amigo.

Israel do jugo dos Pharaós. Quando Moysés estava no monte Sinai para ouvir a palavra de Deus Aarão, cedendo ás instancias do seu povo, consentiu que este adorasse o Bezerro de Ouro. Moysés, advertido por Deus do crime que se estava commettendo nas faldas da montanha, desceu do Sinai com as taboas da Lei, quebrou-as e lançou-as por terra, em presença do povo, exprobando a este o seu procedimento e a Aarão a sua fraqueza. Este, reconhecendo o seu erro, humilhou-se e arrependeu-se e Deus ordenou a Moysés que o sagrasse summo pontifice dos Hebreus. Foi o primeiro investido n'este cargo. Aarão era muito eloquente e, por isso, quando era necessario falar ao povo, quasi sempre era elle que tomava a palavra em nome de Moysés. Morreu com 123 annos, antes da chegada dos Hebreus á terra de Chanaan como castigo das duvidas que manifestou sobre o poder de Deus.

Aarão, (Santo); fundador do primeiro mosteiro da Bretanha. Morreu em 580.

Aarão, celebre philosopho e medico que viveu em Alexandria no reinado do imperador Heraclio, no começo do seculo VII. Foi elle que introduziu entre os arabes as obras dos medicos gregos e foi o primeiro que estudou e distinguiu os caractéres da variola.

Aarão, (Pedro); conego de Rimini que viveu no no seculo XVI deixando muitos escriptos sobre musica.

Aarão, Doutor Caraita, conhecido tambem por Aarão Cohen, nome que elle dava a si mesmo. Viveu no seculo XIII. Era um sabio e escreveu um tratado,

expondo as extravagancias de Talmud e reprimindo o gosto que os da sua seita começavam a ter pelas tradições, intitulado *Moreh Aharon*. O livro suscitou grandes polemicas nas quaes Aarão Cohen se tornou celeberrimo. Explicou tambem os artigos da fé n'um livro que intitulou *Arvore da Vida*, porque entendia que não podia ter vida quem não crêsse esses artigos. Acreditava na resurreição dos mortos, mas limitava-a á casa de Israel e commentou os Psalmos, os prophetas Isaias e Jeremias, e deixou os seus commentarios manuscriptos á bibliotheca de Leyde. Publicou ainda uma grammatica intitulada Mickol Jophi, perfeito em belleza.

Houve um outro Aarão. filho de Elias que viveu no Oriente 50 annos depois do anterior e que atacou vivamente os Aben Ezra e os outros defensores das tradições; a sua obra foi encontrada em Buda e levada para a Allemanha. Publicou outro livro intitulado *Corôa de lei*, que é um commentario literal do Pentateuco pelo methodo dos Caraitas.

Aarão, palatino ou voivode da Moldavia, viveu no seculo XVI. Por suggestões do voivode da Transylvania, Segismundo, e juntamente com o voivode da Valachia e com o imperador Rodolpho, revoltou-se contra os turcos, em 1594, no reinado de Amurat III, batendo os tartaros tres vezes, derrotando Janicula, filho de Bogdan e tomando aos turcos Bender, Schinitz, Tigua, Mechnis e outras praças.

O voivode Segismundo suspeitou, porém, da lealdade de Aarão, e, por cartas interceptadas e outras informações, veio a saber que effectivamente o voi-

vode da Moldavia estava negociando secretamente a paz com o sultão Mahomet III, successor de Amurat, mantendo relações com os polacos e com o cardeal Batoni, seu rival e, por isso, não hesitou: prendeu-o a elle e a sua mulher e a um filho, enviando-os para Praga, e nomeando Estevão Rosevan successor de Aarão.

Aarão, (de Bistrá); theologo transylvano que escreveu em lingua valaquia uma obra ácerca do concilio ecunemico de Florença. Foi bispo de Fogaes e morreu em 1750.

Aarão-ben-Aser, celebre rabbino e grammatico judeu, chefe de seita, que viveu no seculo X ou XI

Aarau, cidade suissa, capital do cantão de Argovia, situada nas margens do *Aar*, a 40 kilometros a SE de Bâle. Conta uma população de 6:700 habitantes e constitue um centro intellectual e industrial importantissimo. Possue uma bibliotheca que contém preciosos manuscriptos relativos á historia da Suissa, e varias fabricas de sedas, de algodão, de armas, fundição de canhões, cutellaria, etc.

Existem n'esta cidade importantes collecções de oryctognostia e zoologia pertencentes a uma sociedade de sciencias naturaes. Foi patria de Brouners, Schmermann e do celebre romancista e historiador H. Lschokke que morreu em 1848. E' estação dos caminhos de ferro que se dirigem a Bâle, Lucerna, Zurich e Waldshut.

Até 1415 pertenceu aos condes de Habsburgo e aos duques de Austria. Em Aarau foi assignado em 1529 o tratado de paz que terminou a guerra entre os can-

tões em 1712 um outro tratado de paz que terminou a guerra do Tockemburgo.

Durante a revolução franceza, Aarau foi por algum tempo séde do governo central da nova republica helvetica, reunindo-se ali a Dieta em 1789. Nos arredores de Aarau vêem-se ainda hoje as ruinas do castello de Habsburgo, origem da casa de Austria.

Aarberg, districto do cantão de Berne, comprehendendo 12 municipios com 16:242 habitantes.

Aarberg, pequena cidade suissa, capital do districto do mesmo nome, situada nas margens do Aar, que conta 1:400 habitantes.

Aarburgo, pequena cidade suissa, no cantão de Argovia. situada na confluencia do Aar com o Wigger. E' a unica praça forte da Suissa. A cidadella serve de deposito de armas e munições. Possue varias fabricas de tecidos e metallurgicas. Conta 2:100 habitantes.

Aardal, pequena povoação norueguesa, situada a E do Sogne Fiórd, a NE de Bergen.

Aardalsfiord, golpho da Noruega proximo de Stavanger.

Aardenburg, povoação hollandeza da provincia de Zelandia, Hoje está decadente e conta apenas 1:700 habitantes. Outr'ora, porém, foi um centro muito florescente de commercio maritimo.

Aare, bispo de Utrech e antes preboste de Maestricht. Ignora-se a data do seu nascimento; morreu em 1212, jazendo o seu cadaver na cathedral de Utrech. Inimigo encarniçado dos condes de Hollanda, ganhou contra o conde Guilherme a batalha de Heus-

den em 1202, auxiliado pelo duque Henrique de Lorena.

Aa'red, A'rid, A'rudh, denominações empregadas vagamente pelos auctores arabes que parece applicarem-se aos territorios altos do Nedyed, comprehendidos entre os desertos do N. e do S. e a costa do golpho persico.

Aareskutan, montanha da Suecia, com 1:500 metros de altura. Situada na provincia de Nordland, é o centro d'uma região mineira muito rica em cobre.

Aargau, nome allemão de Argovia, cantão da Suissa.

Aarhuus, cidade dinamarqueza na bahia de Aarhuus, na costa E da provincia da Jutlandia. Tem uma população de 33:300 habitantes. E' séde de um bispado fundado por Othão e possue uma explendida cathedral gothica do seculo XIII, a mais alta da Dinamarca, uma bibliotheca e um museu de antiguidades.

A diocese comprehende a parte oriental da Jutlandia e as ilhas de Endelave, Knoben, Nodvest-Rev, Anholt e Hielm com 270:000 habitantes.

E' uma cidade muito industrial com um excellente porto no mar de Cattegat.

As suas industrias principaes são cortumes, sabão, tabacos, tecidos de lã, fabrico de cerveja e de aguardente de cereaes, e os artigos principaes de commercio são trigo, gado, peixe salgado, lã, marroquim, sebo, manteiga e luvas.

Tem communicações ferro viarias com Viborg, Holstebro e Fredericia e por meio de navios a vapor

com Copenhague. Em Aarhuus existe uma succursal do Banco nacional de Copenhague.

Aarifi-pachá, estadista turco, nascido em Constantinopla em 1819. A sua carreira politica foi muito brilhante. Era de caracter doce e affavel; professava idéas liberaes e era um sabio e distincto poeta.

Embaixador da Sublime Porta em Vienna em 1873, foi em 1874 nomeado ministro da instrucção publica, passando pouco depois para a pasta da justiça. Em 1876 desempenhou as funcções de presidente do senado e no anno seguinte foi novamente nomeado ministro para a pasta dos estrangeiros que pouco depois largou para ir desempenhar o cargo de embaixador em Paris.

Em 1878, já de volta a Constantinopla, foi chamado á presidencia do conselho de ministros e de 1882 a 1884 desempenhou as funcções de presidente do conselho de Estado e de ministro dos negocios estrangeiros, continuando n'este cargo, interinamente, em 1885 no ministerio presidido por Kiamil-pachá que só deixou em 1891.

Em 1895 foi ainda nomeado ministro sem pasta, vindo então surprehendel-o a morte na edade de 76 annos.

Aaril, rei titular de Angola, com residencia no celebre rochedo de Maopongo, reduzido a vassalagem pelos portuguezes que se apossaram d'aquella região.

A sua grandeza consistia em possuir um grande numero de pennas de pavão e enfeitar-se com ellas, prohibindo aos seus subditos, sob pena de escravidão, que fizessem o mesmo.